

SURDOS

notícias

#02 | MAR/2010 | TRIMESTRAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

SURDOSnotícias



- 2 EDITORIAL**
Um desafio Aliciante
- 3 ASSOCIATIVISMO JUVENIL**
O Jovem Líder
- 4 HISTÓRIA DOS SURDOS**
Sicard, Massieu e os professores surdos
- 5 EDUCAÇÃO DOS SURDOS**
Roteiro da educação dos surdos em Portugal
- 6 DESTAQUE**
Entrevista ao Prof. Francisco Goulão
- 8 LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA**
Ideias incorrectas sobre a LGP e as pessoas surdas
- 9 ALUNOS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR**
Gestos que se vêem: Os surdos no ensino superior
- 10 ACESSIBILIDADE E TECNOLOGIA**
Ajudas técnicas / produtos de apoio
- 11 DESPORTO**
Movimento associativo no desporto de surdos
- 12 ACTIVIDADES INTERNACIONAIS**
Eventos além-fronteiras
- 13 ACTIVIDADES RECREATIVAS DAS ASSOCIAÇÕES**
Promoção do espírito de convívio
- 14 CULTURA E CIDADANIA**
Cultura, educação, sociedade
- 15 TRIBUNA LIVRE**
Liderança associativa
- 16 PÁGINA DO INTÉRPRETE**
Viver a profissão - Ética e deontologia profissional
- 18 LEGISLAÇÃO**
Legislação mais relevante publicada entre 1 JAN e 22 FEV 2010
- 19 PASSATEMPOS**
Espaço lúdico



EDITORIAL

FICHA
TÉCNICA

Director
António Rodrigues

Subdirector
David Fonseca

Composição e Impressão
Multitema

Edição e Propriedade de
Federação Portuguesa das
Associações de Surdos



Com o apoio de
Instituto Nacional para
a Reabilitação, I.P.



O Director,
António Rodrigues

Um Desafio Aliciante

Caras amigas e amigos,

Estamos de volta com mais uma edição do Vosso Boletim Informativo. Gostaria em primeiro lugar de Vos saudar, aproveitando desde já a oportunidade para Vos dar conhecimento da constituição de uma nova equipa editorial.

Não posso deixar de dar uma palavra de apreço, consideração e agradecimento à anterior equipa de redacção, que tudo fez para que o nosso jornal fosse de encontro das Vossas expectativas e necessidades, fazendo dele o sucesso que lhe é reconhecido.

Ciente que estava da importância deste projecto, não pude deixar de aceitar o desafio que me foi lançado. Na realidade, é imperioso dar continuidade ao bom trabalho até aqui realizado, dada a necessidade de partilhar com a comunidade Surda toda a informação que lhes possa ser colocada à disposição, de uma forma séria, criteriosa e imparcial.

Necessitamos de todo o apoio necessário, por isso todos são bem-vindos, para expressar a sua opinião, sugestões e dar o seu contributo. É necessário unir e não desunir. Convergir, não divergir. Temos de estar juntos para enfrentar os desafios que nos são colocados ao longo do dia-a-dia.

Como Director do Boletim Informativo, estou aberto a todas as sugestões que venham enriquecer este trabalho, sendo que podem remeter as mesmas para o e-mail da Federação Portuguesa das Associações de Surdos (fpas@fpas.org.pt).

“O jornalismo pode ser feito sozinho, mas tem outro sabor quando é partilhado”. Espero sinceramente que as próximas páginas sejam do Vosso inteiro agrado.

O Presidente da Federação Portuguesa das Associações de Surdos
Arlindo Ilídio Oliveira

Caros leitores,

Cinco anos decorridos do lançamento do primeiro Boletim Informativo da Federação Portuguesa das Associações de Surdos, retomámos no passado mês de Dezembro a sua publicação com um novo formato, ao qual se pretende dar continuidade.

Consideramos este um projecto de extrema importância, uma vez que um Boletim Informativo traz vantagens e mais-valias tanto a nível informativo, como comunicativo.

2010 é um novo ano que desejamos de renovação do Movimento Associativo, sendo que necessitamos de redobrada energia para avançarmos para mais um ano de vida associativa e para cumprirmos os objectivos a que nos propomos.

Na continuação do nosso mandato, traçamos, para o corrente ano, um plano de actividades de certo modo ambicioso, mas que nos empenharemos por cumprir, visto que neste estão englobadas actividades que considero de enorme relevância para a Comunidade Surda, como é o caso do Boletim Informativo. Assim, tal como já referi anteriormente, acredito que isto é um recomeço, e não um fim.

Por último, aproveito esta oportunidade para transmitir um especial agradecimento aos Colaboradores Redactores cessantes, pela sua preciosa colaboração e disponibilidade, tendo em conta os prejuízos nas suas vidas familiares e pessoais. Destaco que o empenho e eficiência destas Pessoas foram determinantes para o lançamento do número anterior deste Boletim Informativo.

Para a Equipa de Redacção que inicia funções agora, desejo o desenvolvimento de um excelente trabalho, esperando que esta seja uma iniciativa que possa contribuir para a defesa dos interesses e direitos da Comunidade Surda.

O "JOVEM" LÍDER!

Dr.ª Joana Cottim

Em primeiro lugar, sou a dar os meus maiores e sinceros parabéns pela primeira edição deste Boletim Informativo. Era um projecto necessário quer à Comunidade Surda quer às Comunidades envolventes: Escolar, Associativa, Municipalizada, Médica e muitas mais. Sou também a agradecer a todos os elementos que fizeram parte da equipa impulsionadora que, com esforços tremendos, com força de vontade, conseguiu que a acessibilidade à informação, por via da escrita, fosse viável... Ainda que agora não acompanhem mais nesta contínua jornada, irei, carinhosamente, lembrar os momentos passados, as partilhas de experiências, vivências, opiniões e até mesmo as ligeiras discussões sempre rentáveis e associadas à força de vontade para que tudo isto fosse possível... Estou-vos eternamente grata e sei que, no fundo, entendem o porquê de, hoje, sem vocês mas por vocês e para todos os Surdos da Comunidade Surda, sou a dar o meu contínuo contributo...

Perante a proposta em dar continuidade à temática dos jovens sou a abordar uma temática crucial nesta nossa geração: A liderança!

Reflectir a concepção de lideranças reportando obras bibliográficas não é de todo universal. O acto de liderar, se vimos concretamente, reflecte-se simplesmente no vivenciar, partilhar, decidir e, particularmente, na responsabilização dos indivíduos pelos actos e decisões que se vão tomando ao longo das Vidas. Porém, ainda que sejamos líderes da nossa própria Vida, nem todos conseguimos clarificar, actuar e delinear um trajecto de liderança e, como diz o nosso

grande amigo e colega Baltazar, e há líderes forçados e líderes com um "dom". Ser Líder não é uma condição visível em qualquer pessoa, nem em qualquer espaço e tempo. Tudo é catalogado, tudo é controlado tornando a Liderança, além de admirável, uma força de personalidade, de postura, de atitude perante uma sociedade.

Ao lermos relatos da História Mundial, relembramos dos grandes esforços e das mudanças de Homens como Nelson Mandela, Mahatma Ghandi, Che Guevara, JFK, onde, apesar das diferentes formas de ver o Mundo, todos tinham uma coisa em comum: a luta e a liderança de um grupo com objectivos comuns e metas a alcançar. Tal como eles lideraram para esse bem comum, também a Comunidade Surda tem essa necessidade e é importante repensar que ser, assumir-se como líder não prescinde de uma imposição, formação e encaminhamento. Os indivíduos, para uma melhor liderança, devem ser auto-reflexivos, auto-críticos face às suas filosofias de liderar, ao que está bem ou está mal, e não há "receitas" para as práticas aplicadas.

Agora a questão aqui levantada é que esse tipo de formações não deverão ser somente pensadas para os Presidentes das Associações, da Federação, da Liga mas também direccionadas para as futuras gerações, aceitando-os enquanto sujeitos pensadores pensantes capazes de produzir e fazer liderança. Nos Jovens Surdos que tão naturalmente se embrenham e se constroem no mundo associativo, identitário, linguístico assim como adquirem posturas, comportamentos, a questão



da liderança, da formação de valores torna-se importante e imprescindível não só para o seu desenvolvimento pessoal, mas para que todos tenham frutos de visões inovadoras, futuristas e repletas de novas acções. Urge fazer-se VER essa mudança e, nesse sentido, a FPAS, as Associações, as Instituições, deveriam promover acções, encontros, workshops em torno das perspectivas de liderança, convidando a participação de toda a Comunidade, sem requisitos, imposições ou até mesmo sem privações uma vez que os Jovens de hoje, são o FUTURO do amanhã!

Prometo nas próximas edições aprofundar cada vez mais esta temática, de forma alargada e diversificada, escutando o relato de sujeitos Surdos e Ouvintes acerca desta temática! Até Breve e desfrutem... ■



HISTÓRIA DOS SURDOS

SICARD, MASSIEU E OS PROFESSORES SURDOS

Doutor Carlos Afonso

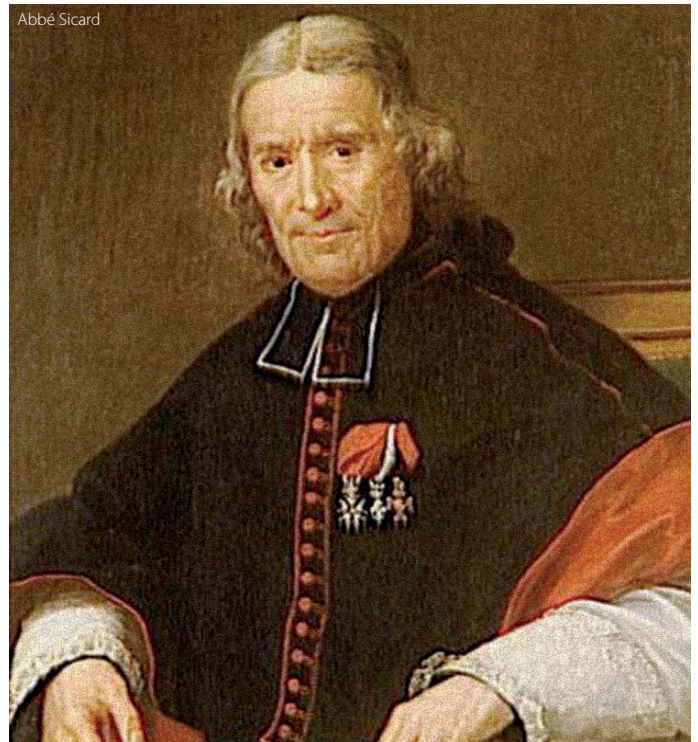
Correspondendo à solicitação da FPAS e, em especial, do Sr. Armando Baltazar, aqui estamos discorrendo um pouco sobre a história e as histórias dos surdos no país e no mundo... Estas nossas "crónicas" assentam em dois principais objectivos: revelar e "actualizar". Quanto ao primeiro trata-se de mostrar, de desvelar, a quem o não sabe, alguns pormenores do que tem sido a longa história dos surdos, nomeadamente no que se refere ao seu processo de educação. Com o segundo objectivo pretendemos fazer o contraponto entre momentos passados e realidades presentes, pois temos consciência de que alguns dos dilemas de outrora (re)ssurgem na actualidade.

É nessa dimensão que hoje vamos abordar duas figuras singulares: Abbé Sicard e Jean Massieu. O primeiro sucedeu ao Abbé De l'Épée (já referido no texto anterior pelo Dr. Paulo Vaz de Carvalho), em 1790, e continuou o seu empenho na valorização da educação dos Surdos com o recurso à utilização de gestos. Sicard, em especial, desenvolveu trabalho com um aluno chamado Massieu. Este não conhecia qualquer espécie de língua até cerca dos 14 anos, limitando-se a fazer alguns gestos que apenas eram conhecidos e entendidos pelos seus familiares. Nascido numa família numerosa, com 5 irmãos surdos, Massieu não sabia ler nem escrever e nunca tinha ido à escola. Contudo, tinha isso como um grande desejo, ao ponto de, como o próprio relata, *"com lágrimas nos olhos, eu pedi permissão para ir e peguei num livro e abri-o de pernas para baixo mostrando a minha estupidez; coloquei-*

o debaixo do braço como pretendendo ir para a escola. O meu pai não me deixou ir, ele disse-me por gestos que eu nunca conseguiria aprender alguma coisa porque eu era surdo-mudo" (Le Zotte, 1997). Apesar da oposição do pai, Massieu, sem dizer nada a ninguém, aventurou-se a ir à escola local de onde foi expulso pelo professor. A sua sorte, contudo, mudou quando encontrou um senhor que falou dele ao Abbé Sicard e este começa o seu processo de educação.

Sicard aproveitou a percepção visual de Massieu para ir desenhando figuras de objectos e as ir associando a palavras. Mas este parecia não compreender esta associação até que um dia, segundo Sacks (1998: 60), *"muito subitamente, Massieu entendeu, entendeu a ideia de uma representação abstracta e simbólica (...). Assim que Massieu percebeu que um objecto, ou uma imagem, podia ser representado por um nome, surgiu nele um apetite enorme e arrebatador por nomes"*. A partir daí o seu desenvolvimento vai conduzi-lo à compreensão de abstracções o que entusiasmou de tal forma Sicard ao ponto de afirmar: *"ele é uma criatura humana"* (citado por Sacks, 1998: 64).

Massieu vai tornar-se, mais tarde, o primeiro professor surdo sendo Laurent Clerc um dos seus alunos. Esta circunstância deve levar-nos a reflectir. É claro que a influência do Congresso de Milão de 1880 (objecto de futuras crónicas) foi decisiva para que o número de professores surdos tenha drasticamente diminuído já que, em 1850, se situava numa percentagem de 50%. Se pensarmos em Portugal, essa realidade ainda é mais distante, pois muitos (ou alguns?) continuam a ter um olhar "daltónico" e uma visão médico-pedagógica que concebe o surdo como um deficiente, logo tendo sérias dúvidas de que professor seja uma profissão a que os surdos



Abbé Sicard



Jean Massieu

podem aceder. Basta ver o que aconteceu com as alterações ao Decreto-lei 3/2008, aprovadas pela Assembleia da República, onde desapareceu a expressão "docente surdo". No entanto, tal como no passado, é extremamente decisivo e urgente, para a educação de surdos, sobretudo numa lógica de ensino bilingue, que as escolas tenham docentes surdos. Para isso é necessário criar processos de formação que possam conduzir à construção de um perfil profissional docente, à semelhança do que acontece com os ouvintes e com hipótese de acesso a várias áreas curriculares e níveis de ensino. Afinal, os bons exemplos podem vir do passado. de também vir a sê-lo... ■

Fontes e referências:

- Afonso, Carlos (2008). *Reflexões sobre a surdez*. Porto: Gailivro
- Afonso, Carlos (2008). *Formação de professores para a educação bilingue de surdos. Saber (e) educar, nº 13*. Porto: ESE de Paula Frassinetti
- Le Zotte, Ann Claremont (1997). *"The Story of Jean Massieu"*. The American Poetry Review.
- Sacks, Oliver (1998). *Vendo vozes – uma viagem ao mundo dos Surdos*. São Paulo: Companhia das Letras

ROTEIRO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS EM PORTUGAL

António Vieira
Prof. Doutor na Universidade Portucalense, Porto

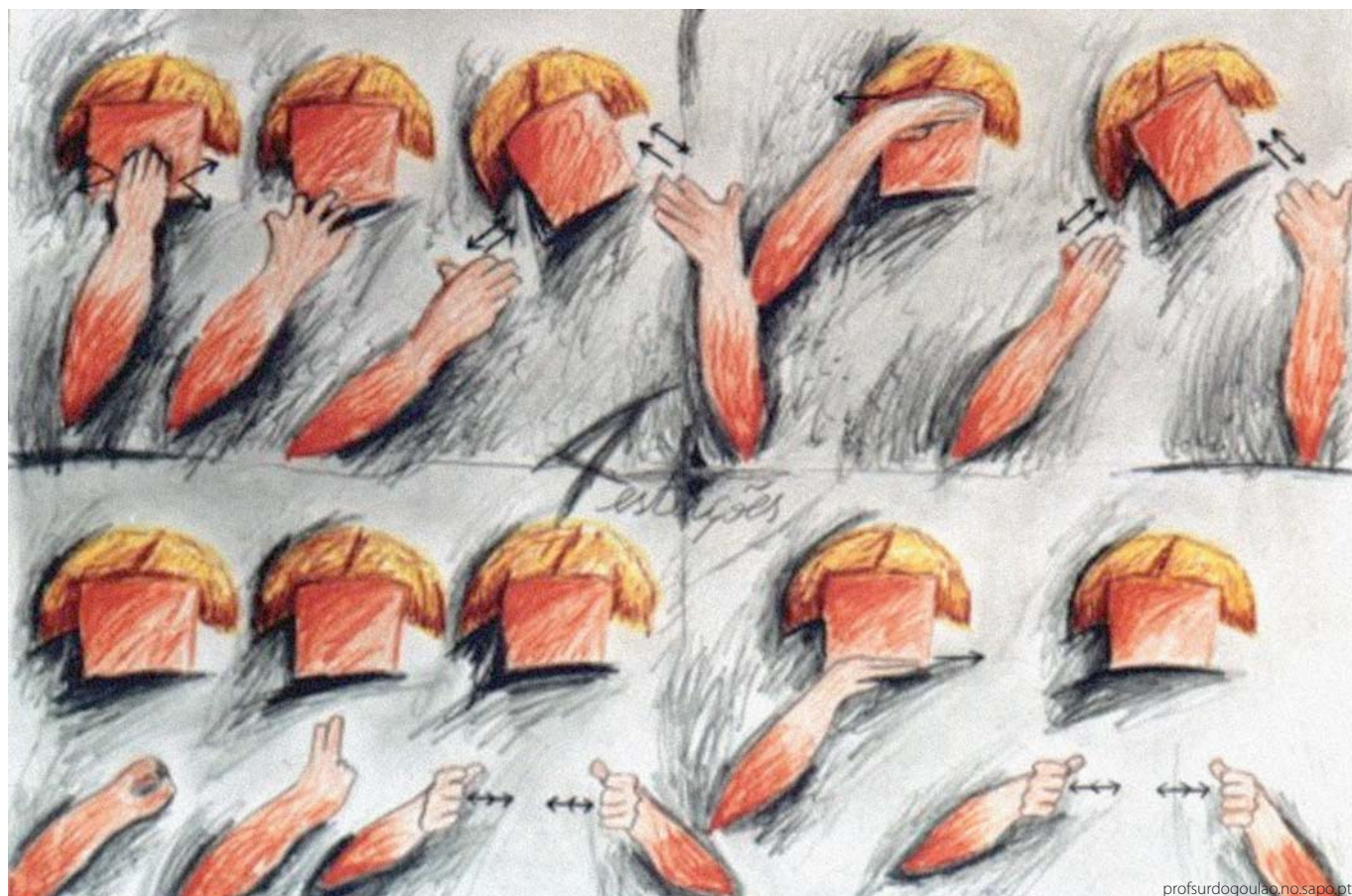
Apoiados em muitas observações inerentes à longa prática lectiva com alunos Surdos e, simultaneamente, reforçados com as constatações de diversos agentes educativos e investigadores, podemos afirmar que a situação de iliteracia que a maioria da população Surda, em Portugal, apresenta resulta, essencialmente, da sua diminuta competência comunicacional. Ora, esta situação deverá constituir motivo de verdadeira reflexão, dada a importância da linguagem na comunicação e, pelo menos, num código linguístico estruturado, como instrumento vital para a construção do conhecimento de qualquer ser humano.

Convém esclarecer que entendemos, ao lado de conceituados investigadores como Stokoe (1960) e Lane (1997 e 2006) que, no âmbito da deficiência auditiva e da Surdez, se torna imperioso distinguir a Pessoa Surda como sendo aquela que pertence a uma Comunidade e, decorrente da sua limitação auditiva severa e profunda, se apoia na sua língua gestual específica, como

primeiro código linguístico, considerado veículo fundamental para a construção da sua cultura e afirmação de cidadania. Esta situação é também uma das questões que, actualmente, faz parte das discussões no campo sócio-pedagógico, ao lado de outras como: a Comunidade Surda, as filosofias da educação das Pessoas Surdas, as perspectivas comunicacionais, o desenvolvimento emocional da Criança Surda, a inserção no mundo do trabalho, bem como nos campos sócio-cultural, artístico, desportivo, religioso e de lazer. Há que tentar encontrar respostas educativas para perguntas como: Qual será a situação de uma Criança Surda que não pode receber um banho linguístico da sua língua materna, da Língua Gestual Portuguesa, no momento adequado e em situações vivenciadas no quotidiano da sua vida? Privada do "input linguístico natural", estará impossibilitada de uma aquisição espontânea e afectiva da sua língua, dentro do contexto das suas relações. Na revisão da literatura, verifica-se que, em espaços geográficos europeus e sul-americanos, a

postura comunicacional dos Surdos é idêntica à de Portugal (Gillot, 1998), embora nos Estados Unidos e nos países nórdicos, se observe algo bem mais positivo. Nesta linha, aprendemos com Lane (1997) que, quando as minorias são respeitadas e participam na educação dos seus membros, tendo em conta a sua identidade, a sua língua e a sua cultura, todo o processo educativo é melhor sucedido.

Nunca se poderá desligar a organização escolar e as suas diversas formas, quando se pretende estudar o processo educativo de qualquer aprendente. Assim, torna-se particularmente pertinente apresentar e reflectir sobre alguns exemplos praticados, em Portugal, no que respeita a iniciativas oficiais e particulares de organização escolar para possibilitar a educação de Surdos, assunto que me proponho tratar no próximo número de SurdosNotícias. ■



DESTAQUE

ENTREVISTA AO PROFESSOR FRANCISCO GOULÃO

Joana Cottim

Nome Completo:

Francisco José Goulão Freire Freixo (Francisco Goulão)

Idade: 58 anos

Profissão: Professor Surdo de Educação Visual

O que mais gosta de fazer nos seus tempos livres:

Ler, desenhar bandas desenhadas para Surdos que agora já não faço no meu local de trabalho, navegar na internet, ler jornais, ver o glorioso Benfica na televisão e passear à beira – mar, com a minha amada esposa Idalina.

Maior sonho: Apesar de considerar difícil, o meu maior sonho era lançar uma autobiografia repleta de histórias da minha vida assim como fotos e desenhos.

Que nos diria em 5 palavras: Estamos na época de atraso da Cultura por causa da mentalidade portuguesa.

Francisco Goulão é um conceituado nome da Educação de Crianças e Jovens Surdos, ao longo dos tempos. Surdo profundo e Licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, este nosso amigo trouxe ao Porto a sua magia e os seus dotes do pincel para trabalhar alunos Surdos. Prestando serviço como professor de Artes Visuais já há 14 anos no Centro António Cândido, Porto, viu transformações naturais das formas de educar, e de ensinar através da Língua Gestual e da Arte. Hoje, com 58 anos de idade, ainda exerce a profissão e não sai da memória de muitos alunos Surdos que passaram por aquela escola que, ao pegarem num jornal, relembram a sua força em lhes fazer entender o português proporcionando-lhes o fluente acesso à informação!

Conheçamos um pouco mais sobre ele...

Como nasceu o seu gosto por pintura?

O meu gosto por pintura surgiu por vocação além de que a minha natureza (Ser Surdo) foi um pontapé de saída para isso. Desde os meus cinco anos de idade que pinto, desenho que copiava de revistas de desenhos animados, personagens que gostava mais... Não ouvia, tinha dificuldades em comunicar com os Ouvintes e, na observação de imagens, coisas reais, fui desenhando, desenhando e desenvolvendo, cada vez mais, o gosto e a vontade. Seguindo nessa lógica, o meu percurso académico também me ajudou a isso pois tive uma vida académica bastante artística. Frequentei, desde o ano 1957 até 1964, o Colégio Francisco de Sales, em Lisboa, um colégio especializado para alunos Surdos que, na altura, era considerada a melhor Escola para Surdos, com boa formação na

área da Surdez, onde aprendi os meus primeiros e principais dotes de pintura com a ajuda de uma excelente professora de pintura, suíça, esposa de um dos amigos do director. Nesta escola, escondida sob a forte corrente oralista que predominava na época, fui desenvolvendo a minha condição de Surdo. Finda a instrução básica, ingressei na Escola Artística António Arroio onde me permaneci até 1972 e onde, pela primeira vez estive integrado com alunos Ouvintes, em turma regular. Após isso, tendo o sonho de ser médico, advogado, vi isso ser impossível por Ser Surdo restando a via artista por onde me encaminhei e ingressei na Faculdade de Belas Artes, na Universidade de Lisboa onde permaneci até 1977.

E quando ingressou na Faculdade de Belas Artes viu o seu sonho conseguido com facilidade?

Aí é que doeu!!! Passei imensas dificuldades, nunca tive apoios, nunca tive Intérprete de Língua Gestual, escrevia e copiava pelos meus colegas de turma toda a matéria e comentários que o meu Professor Catedrático falava num auditório repleto de tanta gente diferente de mim... Sentime perdido, encostado a um canto, pedi ajuda ao professor mas não me fora concebida. Com muito esforço, sentando-me na primeira fila, comecei aos poucos a tentar captar as informações, copiava os apontamentos para ler em casa e, com o passar dos anos, tudo se foi tornando mais acessível: adquiri o ritmo de trabalho, iniciaram-se formações em desenho e tudo fora concluído com muito sucesso. Foi difícil mas não impossível. Tive boas notas e fui um dos primeiros Surdos do País a concluir o Ensino Superior e um dos primeiros Professores Surdos a leccionar Surdos.

Quais foram os seus principais locais de trabalho?

Finda a Faculdade, em 1977, rapidamente arranji trabalho no Centro de Campanhã, no Porto, como Professor de Surdos. Esta fora, na altura, a primeira Escola Oficializada e Estatal para Crianças Surdas na Zona Norte, onde era desenvolvido um ensino para Surdos. Ainda que víssemos em ambientes de opressão e submissão à Língua Gestual, nas minhas aulas, aplicava sempre desenho e LGP, juntando o essencial ao fundamental. Após isso, em 1986, fui colocado a trabalhar no Centro de Reabilitação Vocacional do Porto, sediado na Praia da Granja onde trabalhei até 1995. Actualmente trabalho no Centro António Cândido, no Porto, onde já estou há cerca de 14/15 anos. Sempre leccionei alunos Surdos e tínhamos turmas enormes, disciplinas a ensinar... Porém, em 2003, recorrendo à Declaração de Salamanca, os Surdos foram obrigados a estar integrados em Escolas Normais, juntamente com Ouvintes transformando-as em turmas especiais



com apoio educativo feito por profissionais especializados. Encerrando o Centro António Cândido como Escola Inclusiva para Surdos, hoje as paredes deste edifício servem para o ensino e apoio educativo pós-lectivo para alunos Surdos que cá dormem por viverem longe das Escolas. Ainda que tenha sido com visões de uma educação inclusiva, creio que a Declaração de Salamanca, destruiu um Ensino Especial e focalizado para as Crianças Surdas.

Sendo professor há cerca de 32 anos, explique-nos quais os seus principais métodos de ensino do desenho e da pintura?

O meu principal objectivo é fazer com que, através da pintura e do desenho, os Surdos desenvolvam a aprendizagem, aperfeiçoem e leiam as ilustrações de contextos reais vividos, de histórias infantis tudo com a aplicação da Língua Gestual Portuguesa. Os principais pontos de interesse são representados não só pelo desenho mas também pelas personagens que fazem os desenhos sendo este um trabalho, sobretudo destinado, às crianças Surdas.

Ainda que esta seja uma idealização minha, é no trabalho com as crianças Surdas que realizo os meus desenhos criativos, imaginários e instrutivos. Sem apoios de instituições, de pessoas, aos poucos, os nossos trabalhos foram surgindo e, achei importante divulgar-los a toda a Comunidade para conhecerem a realidade da Comunidade Surda, o nosso olhar sobre as coisas.

Já construímos imensos desenhos que vão desde a ilustração de histórias infantis até à exploração de Portugal, desenvolvendo técnicas de pintura em acrílico para quadro em madeira, a óleo para telas de linha e guaches para desenhos em papel. É aqui que os Surdos que criam fazem nascer da pintura uma mensagem para todos.

Que implicações acha que a pintura possa dar ao desenvolvimento da aprendizagem das crianças Surdas?

A pintura e o desenho são importantes para não só para os Surdos mas para todas as crianças pois o primeiro passo delas é a pintura e o desenho para aperfeiçoar e ter jeito na manobra do lápis. Para as

Crianças Surdas, a pintura torna-se um meio ainda mais importante por este ser uma aplicação do real de forma visível, clara e perceptível através da imagem... Como estas não ouvem e não falam, entender o real torna-se complexo. A pintura quebra essa complexidade pois educa-as sempre aludindo à visão, incentivando-as logo a desenhar e também a aprender.

Além disso, não foi só a pintura o meio artístico que procurei para lhes dar conhecimento mas também o teatro. Fiz com elas mais de 6 peças de teatro todas elas muito divertidas, alusivas aos contos e a coisas do dia-a-dia.

Já pensou em publicar os seus quadros a nível nacional e internacional em algum festival?

É importante entender uma coisa... Não sou só eu que faço os quadros que todos vocês conhecem ou que muitas vezes envio por e-mail a amigos, colegas, instituições. Esses quadros são também feitos pelos alunos Surdos, como uma forma de se sentirem clarificados pelas questões que nos fazem no dia-a-dia, tal como referi à pouco.

Bem... Gostaria imenso de participar num festival nacional, mas no país em que estamos, completamente insensível ao trabalho que se faz com os alunos Surdos, não vejo que isso seja possível. Agora a nível internacional, as minhas histórias vão sendo divulgadas via internet, tudo vai sendo actualizado e fornecido e acreditem que, para mim, vale mais assim que estar exposto numa galeria de arte ou nos festivais.

Aliás, só para comprovar isso, recebi à pouco tempo um comunicado de que, vários professores participantes em blogs alusivos à classe de professorado, desejam nomear-me professor do ano, por isso não preciso de mais...

Qual é a melhor recordação que tem no trabalho com os Surdos?

A melhor recordação foi o dedicar-me todos os dias, durante anos, à Educação das Crianças Surdas, pintar, desenhar, actuar junto delas. Uma alegria.

A nível educativo, social, linguístico, que mudanças sentiu na Comunidade Surda, ao longo do tempo?

Ultimamente tudo tende a piorar. Estamos numa época de prepotências em que os professores já não sentem "amor à camisola" naquilo que fazem e que ensinam: os alunos não percebem e o professor ainda assim os passa de ano. Existe muito facilitismo e isso, de certa forma, estraga a Comunidade e Cultura Surda. Não podemos continuar assim, devemos arregaçar as mangas e lutar pela nossa Cultura e Identidade Surda, adoptando Escolas Especiais e Exclusivas para as Crianças Surdas e não empurra-las para uma filosofia de integração em Escolas Normais adoptando métodos e pedagogias erradas que fazem-na perder toda a sua Identidade. Tenho imensas dúvidas no funcionamento de leis e de sistemas educativos especiais, tais como a lei 3/2008.

Qual é a sua opinião face à entrada de novos técnicos como Formadores, Interpretes, Professores de Ensino Especial, na Educação dos Surdos?

Acho a entrada dos Formadores de LGP muito positiva pois são peças fundamentais para o ensino, apoio e educação das Crianças Surdas até ao Ensino Secundário. Considero os Formadores Surdos, Professores Surdos de LGP que sabem dominar bem a Língua Gestual e sabem ensinar correctamente. Estou triste por terem retirado a designação "Professor Surdo de LGP" pois agora que surgiu o curso na ESEC, em Coimbra, as minhas dúvidas aumentam no que diz respeito aos Ouvintes. Ensinar LGP cabe aos Surdos. Os professores Ouvintes podem e devem ensinar Português e outras disciplinas.

Relativamente aos Professores de Ensino Especial, digam-me como é que estes professores podem ter experiência a ensinar a Crianças Surdas e a maior parte deles não sabe LGP? É fundamental o conhecimento da LGP e parece que ignoram isso e avançam, eliminam e substituem as matérias, etc. Professores de Ensino Especial estão sempre colados aos Intérpretes que parecem ajudantes deles. Os Intérpretes devem preocupar-se em traduzir e nada mais. Ser a ponte de comunicação entre a Comunidade Ouvinte e a Comunidade Surda e não ajudante.

Para mim, o imprescindível é Professores Surdos

de todas as disciplinas e cadeiras e teríamos a Universidade Gallaudet em Portugal, uma das coisas que tanto desejo.

O que acha que deva mudar para melhorar a Educação dos Surdos em Portugal?

Portugal deveria adoptar Escolas Especiais tais como António Cândido, Jacob Rodrigues Pereira em que os alunos Surdos permanecem lá desde a pré-escolar até ao nono ano, adquirindo noções em LGP. Assim preparados, os Surdos são capazes de ser Homens para prosseguirem os estudos (Ensino Secundário e Ensino Superior) sem necessitarem tanto de apoios especiais. Assim, deveríamos juntos, alertar as entidades governamentais para o Sistema Educativo Especial, para a preservação da Comunidade Surda que agora sinto estar prestes a desaparecer. Fazer reabrir as escolas e colégios exclusivos para as Crianças e Jovens Surdos, com dormitório, salas de aulas, ateliers de pintura, salas de informática e tudo para eles crescerem e se formarem.

Enquanto Surdo, que última mensagem nos deixaria neste Destaque?

Sinto muito Orgulho em Ser Surdo assim como estou feliz e realizado enquanto Professor de Surdos que fui com muita dedicação. Acho que é importantíssimo que os alunos Surdos e a Comunidade em geral se apercebam de figuras de referência como eu no seu seio que só tem como objectivo ajudar na construção de uma identidade positiva.

Finda a leitura destas respostas atentamente cedidas pelo Professor Goulão, urge reflectir acerca das práticas educativas que se têm vindo a assumir em Portugal pensando não só de fora para dentro mas também de dentro para fora.

Professor Goulão, uma vez mais, ficamos gratos pelo seu tempo disponível e Força na continuidade do seu trabalho! ■

Até breve...

Joana Cottim



IDEIAS INCORRECTAS SOBRE A LGP E AS PESSOAS SURDAS

Armando Baltazar

Na perspectiva de acabar com determinadas confusões que circulam relativamente à LGP e às Pessoas Surdas, achamos por bem deixar alguns esclarecimentos que permitam, ao menos, reduzir essas confusões...

Língua Gestual ou Linguagem Gestual?

É uso a Sociedade referir-se à LÍNGUA Gestual Portuguesa como LINGUAGEM Gestual. Por hábito? Por desconhecimento? Por falta de cultura?

O termo LÍNGUA NATURAL é usado para distinguir as línguas faladas pelo Ser Humano e usadas como instrumento de comunicação daquelas que são LINGUAGEM FORMALIS construídas. Como exemplos destas últimas podemos indicar as linguagens de programação de computadores, as linguagens usadas pela lógica formal ou lógica matemática, etc., etc.

Dentro da filosofia da linguagem de tradição anglo-saxónica, por vezes utiliza-se o termo língua ordinária como sinónimo da língua natural. As línguas naturais são estudadas pela linguística e pela inteligência artificial, entre outras disciplinas. As LÍNGUAS GESTUAIS são também línguas naturais, visto possuírem as mesmas propriedades características das Línguas Oraís tais como a gramática, a sintaxe, uma infinidade discreta e uma forte generatividade/criatividade. Há várias Línguas Gestuais como a norte-americana ASL, a francesa (LSF), a brasileira (LIBRAS), a portuguesa (LGP) já devidamente documentadas na literatura científica.

Surdos ou Surdos Mudos?

Como eu costumo dizer “mudas são as pedras”... Surdo-Mudo é, provavelmente a mais antiga e incorrecta denominação atribuída às Pessoas Surdas, e ainda utilizada, e de forma muito forte, em certas áreas e divulgada nos meios de comunicação, principalmente televisão, jornais e rádio. O facto de uma Pessoa ser Surda não significa que ela seja muda. A mudez é uma outra deficiência, sem conexão com a surdez. Mesmo aquelas Pessoas Surdas que, por um ou outro motivo, não conseguem oralizar não podem ser consideradas Mudadas pois podem comunicar gestualmente, por mímica, por escrito...

A não-oralização das Pessoas Surdas está, esmagadoramente, ligada à falta de audição desde o nascimento/tenra idade, o que as impediu de aprenderem a falar... Assim o termo Surdo-Mudo terá de ser encarado como um forte erro social devido ao facto de que o Surdo vive num “silêncio” rotulado pela própria Sociedade (por falta de conhecimento do real significado das duas palavras).

A Língua Gestual é Universal?

Há ainda um grande leque da População Ouvinte que pensa que a Língua Gestual é igual em todo o Mundo. Esse pensamento baseia-se em preconceitos ou simples desconhecimento, dado julgarem que:

- já que a comunicação por gestos é intuitiva e uma vez que não exige aprendizagem, deveria ser a mesma para todos os Surdos;
- já que a Comunidade Surda, no Mundo, é uma minoria, certamente utiliza um único tipo de comunicação;
- já que é uma comunicação icónica sua representação deverá ser a mesma em todo o mundo.

No entanto, e à imagem das Línguas Gestuais, as Línguas Gestuais são diferentes de País para País e, muitas vezes existem mais do que uma Língua Gestual num País (por exemplo em Espanha há grandes diferenças entre as Línguas Gestuais do País Basco, da Catalunha, da Galiza...) e também dentro de uma Língua Gestual poderão haver ligeiras diferenças de região para região, sem modificar grandemente a estrutura dessa Língua. Existe o denominado GESTUNO (também chamada de Língua Gestual Internacional) que não é uma Língua mas antes uma forma de linguagem auxiliar internacional, utilizada pelas Pessoas Surdas em eventos de índole internacional ou informalmente, por exemplo quando viajam e contactam com Surdos de outros Países. Não pode ser considerada uma Língua, já que não possui uma gramática. Utilizam-se os sinais com a gramática de qualquer uma das línguas de sinais existentes. Existe também o SIGNUNO que poderemos considerar um código gestual à imagem do Esperanto, e que é derivado do Gestuno.

A Língua Gestual Portuguesa tem Gramática?

Mesmo sendo uma Língua Manuo-Visual e falada através de um espaço tridimensional, onde a configuração das mãos, o movimento corporal, a expressão facial, a localização e a orientação das mãos descrevem todo o esplendor que nos rodeia, o que vemos, sentimos, pensamos e transmitimos através do sentido das palavras, a Língua Gestual possui como qualquer língua oral, uma Gramática com:

- Fonética (mas em vez de sons articulados temos gestos articulados).
- (Fonologia) (mas em vez de fonemas que servem para diferenciar a forma sonora das palavras



temos elementos de outra natureza mas que cumprem a mesma função diferenciadora da forma visual das palavras).

- Léxico (um vocabulário).
- Sintaxe (regras para a construção das frases).
- Semântica (efeitos regulares de significado das palavras e frases).
- Pragmática (modos de utilização da língua adequados à expressão individual e à comunicação entre as pessoas)

Todos estes componentes da Língua Gestual tiram partido do espaço tridimensional onde os gestos são produzidos e da visão, porque se trata, de uma Língua Manuo-Visual, onde o som não desempenha qualquer papel produtivo.

A Língua Gestual acompanha o discurso da língua oral?

O que está exposto no ponto anterior poderá levar os leigos em Língua Gestual a considerar que a Língua Gestual acompanha, a par e passo, o discurso da Língua Oral. Isso é um erro gravíssimo pois, apesar da Gramática da LGP possuir todas as equivalências à Gramática da LP, a estrutura do discurso das mesmas é totalmente diferente e não possuem qualquer similaridade. ■

Por exemplo:

LP – És o amor da minha Vida
LGP – TU AMOR VIDA MINHA

“O QUE PENSAS DA LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA?”

Escreva uma frase sobre este tema, indicando o seu nome próprio e apelido, a sua idade e a sua localidade, e envie para o e-mail fpas@fpas.org.pt, ao cuidado de Dr. Hélder Duarte.

Haverá uma selecção das frases recepcionadas, as quais serão publicadas depois nas próximas edições do Boletim Informativo “Surdos Notícias”.

GESTOS QUE SE VÊM: OS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR

Mestre Isabel Sofia Calvário Correia (ESEC)

A primeira vez que tive um aluno surdo foi há cerca de dez anos, na licenciatura em Comunicação e Design Multimédia, na Escola Superior de Educação de Coimbra. Nessa altura, eu não sabia nada de Língua Gestual, Comunidade Surda ou Identidade. Para mim, um Surdo era apenas alguém que não ouvia e a LGP era a forma de comunicação que essas pessoas possuíam. Foi para mim angustiante observar o percurso do discente na disciplina de Língua Portuguesa que eu ministrava. Não falava, não gestuava, escondia-se a um canto, observando-me com um olhar triste e, ao mesmo tempo, sufocante. Procurei, junto da psicóloga, perceber de que precisava o estudante, mas foi-me dito que ele não sabia LGP, não oralizava, apenas lia os lábios. Ele esforçava-se, copiando com afã tudo o que eu escrevia no quadro, mas, quando lhe colocava um texto simples para resumir, revelava-se incapaz de o perceber. Era um ótimo aluno às disciplinas de informática, segundo vim a saber, mas o seu isolamento tê-lo-á levado a desistir do curso. Até hoje, nunca o esqueci. Tive outra aluna nesse curso, nessa disciplina, que, possivelmente por oralizar e ser mais extrovertida, conseguiu fazer a disciplina e, creio, a licenciatura. Mas, curiosamente, não me recordo de a ver nunca gestuar com o colega ou em outra circunstância. Alguns anos depois, tive ainda um outro aluno Surdo parcial, mas que, apesar de ser uma pessoa com uma imensa criatividade, demonstra graves problemas no acesso ao conhecimento, pelo menos naquele que passava pelo português.

No ano lectivo de 2004-05 nascia a Licenciatura em Língua Gestual Portuguesa, concebida em grande parte pela minha colega Madalena Baptista, na ESEC, mas apenas um dos alunos era Surdo parcial pelo que tinha ainda mais vívida a minha experiência anterior. Tudo começou a mudar no ano lectivo seguinte. Através das provas de acesso ao Ensino Superior para maiores de 23 anos, diversos formadores Surdos entraram na nossa Escola e frequentaram a licenciatura em LGP. Aí, a minha perspectiva face à Surdez começou a mudar. E mudou também a Escola. Dei aulas de Introdução à Linguística Geral e Portuguesa, disciplina que tenho vindo a leccionar a este curso, com a presença de uma intérprete na sala de aula e, confesso-o agora, fiquei fascinada e impressionada com a plateia de alunos que tinha à minha frente: não eram tímidos como o estudante do Curso de Design e Multimédia, tinham ideias claras e coerentes daquilo que queriam e expressavam-se numa língua que me parecia extraordinária... A LGP era diferente de toda a minha concepção de língua, pois achei curioso como num espaço quadrimensional seria

possível expressar o pensamento. Mas era. Porque era assim que os alunos faziam valer as suas ideias e o conhecimento que iam adquirindo. Nessa altura, decidi que precisava de aprender LGP não apenas pelo interesse que tenho em Linguística, mas, como professora, compreendi que os saberes que lecciono só chegam ao aluno Surdo através deste veículo de expressão.

Grande parte dos nossos alunos Surdos, são, como referi, Formadores de LGP que agora procuram complementar o seu percurso académico com a nossa licenciatura. A meu ver, este é um passo importante não apenas para a valorização individual de cada um, mas também para o reforço da Comunidade Surda. Com a frequência de um curso superior centrado na LGP, o Surdo pode transformar o conhecimento implícito¹ da LGP em conhecimento explícito² e, a meu ver, esse pode ser um passo importante para o caminho de investigação sobre a LGP que deve ter como intervenientes os Surdos e o meio académico. Além disso, o facto de compreender, reflectindo, a sua língua contribuirá para um redimensionamento do ensino da LGP e, conseqüentemente, uma melhoria e actualização científica das práticas docentes.

Todavia, nem tudo são rosas na minha experiência com os Surdos no Ensino Superior. Ao longo destes seis anos continuo a observar um grande constrangimento destes alunos face ao português. Normalmente, as suas atitudes vão desde o desprezo, desinteresse, mas, sobretudo, medo que pode chegar a pânico na abordagem da escrita. Acontece inúmeras vezes que o aluno quando se exprime na sua Língua Natural³ transmite com correcção o conhecimento adquirido, mas, quando o transpõe na escrita essa acuidade desvanece-se. O professor interroga-se frequentemente como compreender um escrito que entende como desarticulado, pouco fluente, carente de coerência e, em alguns casos, com sentido deficiente o que condiciona a percepção. Este problema ainda está longe de ser resolvido, mas podemos, pelo menos, tentar entender a sua génese. A difícil relação que o Surdo mantém com o idioma oficial pode ter causas diversas de natureza distinta. Uma das razões pode ser puramente cultural, ou seja, trata-se de outra língua, transmitida e recepcionada pelo canal áudio-oral que, por isso, não lhes interessa. Todavia, a meu ver, esta será a razão com peso menos significativo. O pânico ou o simples receio do português prende-se com a educação em torno desta língua (e também da sua) que estes alunos tiveram. Assim, se considerarmos que estes discentes são maiores de 23 anos, tendo sido a sua escolaridade, normalmente em escolas de ensino

regular, nos anos 80 e 90, facilmente percebemos que as metodologias oralistas dominaram a sua aprendizagem. Assim, o português era uma língua forçada que tinham de aprender "à força" ao invés de ser uma língua segunda⁴ que deveriam ter aprendido segundo métodos de ensino específicos.

Tenho esperança que o Ensino Bilingue modifique esta realidade e que, no futuro, tenhamos Surdos que escrevem sem medo de serem julgados pois as dificuldades da sua escrita serão apenas de ordem menor. Todavia, no presente momento, resta-nos esperar pelo esforço deste discentes Surdos que, com certeza, com a tenacidade que os caracteriza, conseguirão, pelo menos, melhorar a sua expressão escrita. É preciso que sejam apoiados, evidentemente, mas, tratando-se de um público adulto, é necessário muito do seu empenho e boa vontade nesta tarefa.

Hoje em dia, na ESEC, há vários grupos de alunos que conversam animadamente no claustro da Escola. Os dias ganham uma vida e um ritmo diferentes quando eles lá estão e as suas mãos, signo da sua língua e identidade, cada vez são mais visíveis. Espero continuar a partilhar com eles aprendizagens e dúvidas, construindo um mundo onde todos possamos aprender com a dignidade e respeito que merecemos. Espero, sobretudo, que nunca desistam. ■

¹ *Conhecimento Implícito é o Conhecimento [intuitivo] da língua falada pela comunidade linguística a que [se] pertence?* In SIM-SIM, I; DUARTE, I; FERRAZ, M., *A Língua Materna na Educação Básica. Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*, Lisboa, Ministério da Educação, 1997, p.19.

² *Por Conhecimento Explícito entenda-se "progressiva consciencialização e sistematização do conhecimento implícito no uso da língua"* In SIM-SIM, I; DUARTE, I; FERRAZ, M., *A Língua Materna na Educação Básica. Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*, Lisboa, Ministério da Educação, 1997, p.12.

³ *Por Língua Natural entenda-se o sistema de comunicação verbal que se desenvolve espontaneamente no interior de uma comunidade. Veja-se DUARTE; Inês, *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa, Universidade Aberta, 2000, p. 15.*

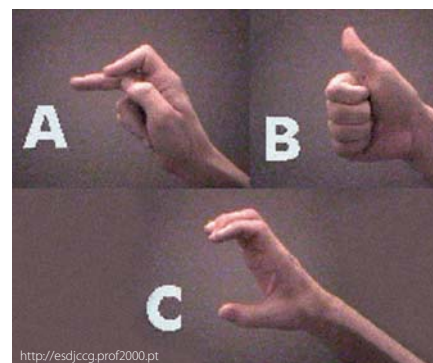
⁴ *Por língua segunda entenda-se sistema linguístico que um indivíduo adquire através de exposição e/ou aprendizagem formal e de que necessita para comunicar no seio de uma comunidade alargada. Um emigrante português em França terá como Língua Segunda o Francês, língua dominante da comunidade em que se insere e de que necessita para uso quotidiano.*

AJUDAS TÉCNICAS PRODUTOS DE APOIO

David Fonseca



www.jamieatlas.files.wordpress.com



<http://esdjccq.prof2000.pt>

As ajudas técnicas e tecnologias de apoio apresentam-se como recursos de primeira linha no universo das múltiplas respostas para o desenvolvimento dos programas de habilitação, reabilitação e participação das pessoas com deficiência e inscrevem-se no quadro das garantias da igualdade de oportunidades e da justiça social da acção governativa do XVII Governo Constitucional e integração da pessoa com deficiência aos níveis social e profissional de forma a dar-se execução ao disposto na Lei de Bases da Prevenção, Habilitação, Reabilitação e Participação das Pessoas com Deficiência.

Face a alguns obstáculos identificados no sistema actual, à necessidade de dar cumprimento à Lei n.º 38/2004, de 18 de Agosto, na parte em que dispõe que «compete ao Estado adoptar medidas específicas necessárias para assegurar o fornecimento, adaptação, manutenção ou renovação dos meios de compensação que forem adequados», e ao I Plano de Acção para a Integração das Pessoas com Deficiência ou Incapacidade, na parte em que se refere o objectivo de proceder à «revisão do sistema supletivo de financiamento, prescrição e atribuição de ajudas técnicas e concepção de um novo sistema integrado», considera-se necessário proceder a uma reformulação do sistema em vigor com vista a identificar as dificuldades existentes e adoptar as medidas necessárias para garantir a

igualdade de oportunidades de todos os cidadãos, promover a integração e participação das pessoas com deficiência e em situação de dependência na sociedade e promover uma maior justiça social.

O presente decreto-lei visa, assim, criar de forma pioneira e inovadora o enquadramento específico para o Sistema de Atribuição de Produtos de Apoio - SAPA, que vem substituir o então sistema de ajudas técnicas e tecnologias de apoio, designadas ora em diante por Produtos de Apoio nos termos da nomenclatura utilizada na Norma ISO 9999:2007, de modo a garantir, por um lado, a eficácia do sistema, a operacionalidade e eficiência dos seus mecanismos e a sua aplicação criteriosa e, por outro lado, a desburocratização do sistema actual ao simplificar as formalidades exigidas pelos serviços prescritores e ao criar uma base de dados de registo de pedidos com vista ao controlo dos mesmos por forma a evitar, nomeadamente, a duplicação de financiamento ao utente.

No passado dia 29 Janeiro de 2010 foi publicado, no diário da república o despacho 2027/2010 determina que compete à Directora do Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P (INR, IP), aprovar e publicar as normas reguladoras da execução do referido Despacho, nomeadamente a definição de procedimentos das entidades prescritoras e financiadoras de ajudas técnicas/ produtos de apoio, após audição prévia, da Direcção -Geral da Saúde (DGS), do Instituto da Segurança Social, I.P

(ISS, IP) e do Instituto do Emprego e da Formação Profissional, I.P (IEFP, IP)

Este despacho é muito positivo para a Pessoa Surda, que precise de produtos para apoiar o seu dia-a-dia, visto que precisamos de quebrar as barreiras com a ajuda da tecnologia, e a sua aprovação vai abrir apoios tecnológicos, tais como, Indicadores de chamada, marcação e resposta, Descodificadores de videotexto (texto TV).

O financiamento das ajudas técnicas/ produtos de apoio indispensáveis ao acesso e frequência da formação profissional e ou para o acesso, manutenção ou progressão no emprego efectua-se através dos centros de emprego do IEFP, IP, do Centro de Reabilitação Profissional de Alcoitão e de um conjunto de entidades privadas através dos seus centros de reabilitação profissional credenciados para o efeito pelo IEFP, IP. Os Centros Especializados, para efeito de aplicação deste despacho, são as entidades públicas e privadas sem fins lucrativos credenciadas por despacho da Directora do INR, IP.

O recurso às novas tecnologias para os Surdos é fundamental. Recuando no tempo, a tecnologia utilizada para o auxílio do Surdo não há muitos anos, resumia-se ao "pager", um dispositivo no qual o surdo podia receber uma determinada mensagem escrita no seu receptor. O Telefone de Texto, que ainda hoje se encontra actual, permitia a quem possuísse dois desses equipamentos pudesse comunicar, tal e qual como através de um, chat na internet. Nos dias de hoje, existe um maior leque de opções para o Surdo, bem como a preocupação de promover o aparecimento de tecnologias de apoio economicamente mais acessíveis a todos, assim como avaliar proactivamente o impacto de tecnologias emergentes. ■

Na próxima edição continua a investigação sobre os produtos de Apoio...



www.windowsoft.net

MOVIMENTO ASSOCIATIVO NO DESPORTO DE SURDOS

Direcção da Liga Portuguesa de Desporto para Surdos (LPDS)

A LPDS, para além do papel de representação nacional que desempenha no desporto de surdos, tem desenvolvido uma intervenção importante na manutenção do movimento associativo, promovendo o desporto a partir das associações suas filiadas. Contactando directamente os diversos líderes, insistindo em reuniões e na participação de todos nos eventos desportivos (inclusive das associações não filiadas, mediante contrapartidas), assistiu com satisfação a uma participação cada vez maior.

Agora, é missão das Associações de Surdos continuar esse trabalho, não só dentro das suas associações e na filiação na LPDS para se integrarem melhor neste projecto desportivo, mas também procurando protocolos com clubes na sua área de actuação, pois muitas das modalidades não têm atletas surdos portugueses que justifiquem o investimento em técnicos e instalações apropriadas, sendo preferível aproveitar os recursos já existentes nos vários clubes regionais.

Dessa forma, os atletas surdos poderão ultrapassar rapidamente o nível amador, tornando-se atletas de elite e sérios candidatos a medalhas nas competições internacionais. Desta forma, trarão um importante retorno (apoios, reconhecimento, projecção nos media) que pode depois ser aproveitado para incentivar e desenvolver ainda mais a prática desportiva de Pessoas Surdas.

Damos como exemplo o Hugo Passos (Lutas Amadoras) e a Joana Santos (Judo), praticantes regulares nos respectivos clubes (Casa Pia Atlético Club e Judo Clube do Algarve), acompanhados pelas respectivas associações (Associação Portuguesa de Surdos e Associação de Surdos do Algarve) e que neste momento já são alvo de reconhecimento pela Confederação de Desporto de Portugal (CDP). ■



ATLETAS SURDOS NO DESPORTO ESCOLAR

Direcção da Liga Portuguesa de Desporto para Surdos (LPDS)



A LPDS tem vindo a desenvolver um trabalho mais intenso na procura de novos talentos, pelo que decidiu criar um Projecto no âmbito do Desporto Escolar, com o nome "LPDS na Escola".

O objectivo é acompanhar mais de perto o desporto escolar onde haja participação de alunos surdos. Será criado um site específico para este projecto, onde constará a classificação dos atletas a nível nacional e das diversas modalidades, de forma a que todos possam acompanhar a evolução desportiva não só de cada atleta mas também das escolas a que pertencem.

Como projecto-piloto, a LPDS iniciou contactos com o CED - Jacob Rodrigues Pereira (JRP), tendo já sido efectuado algum trabalho bastante positivo, em especial na área da natação, onde o CED - JRP já tem cerca de 10 atletas a participar em provas, com idades a partir dos 10 anos. Em conversa com estes nadadores, a LPDS apercebeu-se da maturidade dos mais novos: quando inquiridos sobre uma mensagem a deixar à Comunidade Surda, responderam "participem no desporto escolar, é importante para a saúde e bem-estar!"

A LPDS vai continuar dedicada a esta filosofia e espera que todas as escolas venham a aderir a este projecto e que possamos ver em breve um desenvolvimento desportivo de grande valor na Comunidade Surda. Nunca nos devemos esquecer que o desporto sempre foi um dos pilares do movimento associativo de surdos, tendo motivado a criação das associações. Cabe-nos transmitir esta preocupação às novas gerações! ■

ACTIVIDADES INTERNACIONAIS

Paulo Garcia

A UNIÃO EUROPEIA DE SURDOS (EUD – EUROPEAN UNION OF THE DEAF), A FEDERAÇÃO MUNDIAL DE SURDOS (WFD – WORLD FEDERATION OF THE DEAF) E OUTRAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS ORGANIZAM VÁRIAS INICIATIVAS E EVENTOS AO LONGO DO ANO, SENDO QUE A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DAS ASSOCIAÇÕES DE SURDOS PROCURA DIVULGAR OS MESMOS E ESTAR PRESENTE SEMPRE QUE POSSÍVEL EM REPRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE SURDA PORTUGUESA.

PARA ALÉM DISTO, TAMBÉM A NÍVEL NACIONAL SÃO LEVADAS A CABO VÁRIAS INICIATIVAS QUE A FPAS CONSIDERA EXTREMAMENTE IMPORTANTES DIVULGAR, NA MEDIDA EM QUE SE REVELAM DE DESTAQUE PARA A COMUNIDADE SURDA.



A União Europeia de Surdos (EUD – European Union of the Deaf) irá levar a cabo, durante os dias 21 e 22 do próximo mês de Maio, uma Conferência e a Assembleia Geral. Este evento irá decorrer em Madrid (Espanha) e, como membro da EUD, a FPAS espera estar presente a representar a Comunidade Surda Portuguesa.

Para mais informações, consultar www.eud.eu



A DeafNation World Expo é o maior evento mundial da Comunidade Surda e este ano irá realizar-se entre 18 e 23 de Julho, em Las Vegas (E.U.A.), no Sands Expo Center. Irão ter lugar palestras, conferências, exposições, exibições, workshops, actividades de entretenimento, actividades desportivas, actividades para crianças, entre outras, sendo que o principal objectivo é proporcionar 4 dias de convivência entre Cidadãos Surdos de vários países.

A admissão neste evento será gratuita, sendo que a filosofia por detrás do mesmo é proporcionar a partilha da cultura, das necessidades, da Língua, da informação e do conhecimento. Em termos gerais, o objectivo é dar a possibilidade de se conhecerem novas pessoas de todas as partes do Mundo, originando uma troca de experiências e vivências.

Para mais informações, consulte <http://deafnation.com/>



Entre 18 e 22 de Julho de 2010, irá decorrer em Vancouver, no Canadá, o 21st International Congress on Education of the Deaf (21º Congresso Internacional sobre Educação de Surdos).

O tema principal deste Congresso será "Parceiros na Educação" e a Conferência irá poder contar com apresentações nas seguintes áreas: Intervenção Precoce, Língua e Literacia, Ambientes Educacionais, Língua Gestual e Cultura Surda, Tecnologia na Educação, Educar Alunos com Necessidades Diversas e Desafios Únicos nos Países em Desenvolvimento.

Esta será também uma oportunidade para se estabelecerem redes de cooperação e de partilha de conhecimentos e de experiências entre os participantes de várias partes do Mundo.

Para mais informações, consulte www.iced2010.com



O EUDY Children Camp de 2010 irá decorrer entre 22 e 29 de Julho, em Sicília, na Itália, sendo que se trata de uma iniciativa conjunta da EUDY e de um Comité de Organização Italiano na Sicília.

Podem participar crianças entre os 09 e os 12 anos de vários Países Europeus, que serão acompanhadas por um Líder de Equipa (mais de 21 anos).

Pretende-se que esta iniciativa possibilite a realização de várias actividades que promovam a partilha de experiências e acima de tudo o divertimento das crianças participantes.

Para mais informações, consulte www.ens.it/cgsi/eudy2010/



A Secção de Jovens da Federação Mundial de Surdos (WFD – World Federation of the Deaf), em colaboração com a Federação Venezuelana de Surdos (FEVENSOR) irá levar a cabo o 2nd WFDYS Children Camp, de 01 a 08 de Agosto de 2010, na Venezuela.

Durante este evento serão realizados workshops, palestras, jogos, actividades culturais e recreativas e ainda visitas a locais turísticos, a praias, a parques temáticos, a parques naturais, a museus, a locais históricos, entre outros.

Prevê-se que venham participantes de todas as partes do Mundo, sendo que este evento tem um limite máximo de 200 crianças entre os 10 e os 12 anos (2 crianças por País e 1 Acompanhante que deverá ter entre 21 e 30 anos).

Para mais informações, consulte www.wfdys.org

ACTIVIDADES RECREATIVAS DAS ASSOCIAÇÕES

AS ASSOCIAÇÕES FILIADAS NA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DAS ASSOCIAÇÕES DE SURDOS DESENVOLVEM NO DECORRER DO ANO DIVERSAS ACTIVIDADES QUE ABRANGEM VÁRIAS ÁREAS TAIS COMO CULTURAL, LÚDICA, RECREATIVA, DESPORTIVA, INFORMATIVA, ENTRE OUTRAS, E QUE PRETENDEM PROMOVER O ESPÍRITO DE CONVÍVIO E DE UNIÃO ENTRE OS SEUS ASSOCIADOS E A COMUNIDADE SURDA EM GERAL. PROCURANDO CUMPRIR A SUA FUNÇÃO PRIMORDIAL COMO INSTRUMENTO DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, PROCEDE-SE À DIVULGAÇÃO DAS ACTIVIDADES CONFIRMADAS ATÉ JUNHO DE 2010.

ASGVA – Associação de Surdos de Guimarães e Vale do Ave

06 de Fevereiro de 2010

Acção de Sensibilização e Formação - Vícios

13 de Fevereiro de 2010

Festa de Carnaval

13 de Março de 2010

Turisdos - Amendoeiras

20 de Março de 2010

Seminário "Barreira na Comunicação Social e Familiar - II"

10 de Abril de 2010

Acção de Sensibilização e Formação - Poluição

01 de Maio de 2010

Acção de Sensibilização e Formação – Sexualidade Humana

15 de Maio de 2010

Acção de Sensibilização e Formação - Água

03 a 06 de Junho de 2010

Mini-Férias

10 de Junho de 2010

10º Convívio de Surdos

26 de Junho de 2010

Festa de S. João

ACSA – Associação Cultural de Surdos da Amadora

Actividade Anual

Ensino e Formação de LGP para Ouvintes

31 de Janeiro de 2010

Peça de Teatro "A Cidade" - sessão com LGP

Fevereiro de 2010

Festa de Carnaval

13 de Março de 2010

Participação no VII Festival Internacional do Chocolate - Óbidos

Março de 2010

Rastreios a Diabetes, Colesterol, Hipertensão Arterial, etc.

Abril de 2010

Concurso de Pesca

Abril de 2010

Visita ao Buddha Eden (Jardim da Paz) – Bombarral

Maio de 2010

Visita à Exposição "Viver no Limite" - Pavilhão do Conhecimento

Junho de 2010

Passeio de 2 dias à Academia de Campo de Coruche

APS – Associação Portuguesa de Surdos

Actividade Anual

Ensino e Formação de LGP

Actividade Anual

Grupo APS – Séniores

Actividade Mensal

Encontros do Grupo de Pais Surdos

Fevereiro de 2010

Festa de Carnaval

23 de Abril de 2010

II Congresso de Surdos Infanto-Juvenis

Junho de 2010

Festas Populares de Santo António

ACSA – Associação Cultural dos Surdos de Águeda

Fevereiro de 2010

Festa de Carnaval

Abril de 2010

Concurso de Bolos da Páscoa

Junho de 2010

Festa de S. João

ASA – Associação de Surdos do Algarve

Actividade Anual

Ensino e Formação de LGP

Fevereiro de 2010

Comemoração do Aniversário da ASA

ACSB – Associação Cultural de Surdos do Barreiro

Actividade Anual

Ensino e Formação de LGP

Fevereiro de 2010

Participação no Desfile de Carnaval do Barreiro

Junho de 2010

Participação nas Festas dos Santos Populares do Barreiro

ASAE – Associação de Surdos da Alta Estremadura

12 de Fevereiro de 2010

Festa de Carnaval

13 de Março de 2010

Comemoração do Dia da Mulher

28 de Março de 2010

Pintura de ovos para crianças

Maio de 2010

Féira de Maio

Maio de 2010

V Torneio Internacional de Futsal "Cidade de Leiria"

Junho de 2010

Concurso do Dia Mundial da Criança

10 de Junho de 2010

10º Percurso de Surdos

Junho de 2010

Visita Cultural a Santiago de Compostela

ASP – Associação de Surdos do Porto

Actividade Anual

Ensino e Formação de LGP

Actividade Anual

Centro de Convívio da Terceira Idade

CULTURA, EDUCAÇÃO, SOCIEDADE

Armando Baltazar

SÓ UMA EDUCAÇÃO DE EXCELÊNCIA PODERÁ PROPORCIONAR ÀS PESSOAS SURDAS BASES DE ACESSO À CULTURA NA SUA VERDADEIRA ACEPÇÃO

Introdução

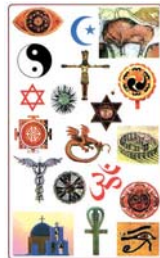
Não é a Surdez que define o destino das Pessoas, mas o resultado do olhar da Sociedade sobre a Surdez. (Vygotsky)

Que Inclusão Educativa?

A garantia de uma Escola que verdadeiramente eduque todas as Crianças e Jovens, superando não só os efeitos da retenção e evasão, mas que lhes assegure o acesso ao mundo do conhecimento e o desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadã que lhes permita enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, é um dos maiores desafios da actualidade.

Embora venha ocorrendo a implementação de um conjunto de medidas no terreno educacional, provocando alterações profundas no funcionamento do Sistema de Ensino dito especial, os resultados relativamente às Crianças e Jovens Surdos ainda são preocupantes. Para além do elevado número de “desistentes” da vida escolar é a baixa qualidade da aprendizagem dos Alunos Surdos que se expressa na incapacidade de interpretar e entender enunciados de problemas e no baixo índice de conhecimentos gerais adquiridos no seu percurso escolar.

Isto equivale que a maioria dos Alunos Surdos é deixada de lado ao longo do percurso da escolarização como resultado de um processo de selectividade, exclusão, marginalização e negação de direitos.



Que Educação para a Pessoa Surda?

Ao falarmos da Educação das Pessoas Surdas importa destacar que as mesmas fazem parte de uma População específica que permaneceu por muitos anos, marginalizada pela Sociedade, ou quando muito, limitada no âmbito do assistencialismo ou da filantropia quase sempre amparada pelo ponto de visto patológico.

Este ridículo enfoque médico só começou a perder força devido aos acontecimentos das últimas 3 / 4 décadas, principalmente pelo fortalecimento das ideias democráticas, reformulações de políticas em vários sectores, pelo desenvolvimento científico, pelas lutas da Comunidade Surda..., que criaram espaço para outras formas de se compreender a problemática. A partir de então, o campo conceitual e de abordagem foram modificados passando a transitar no âmbito Educativo. Frisamos que devido às necessidades comunicativas particulares, a Educação dos Surdos é historicamente marcada pela disputa linguística entre os defensores da oralidade, os que defendem o uso da Língua Gestual da Comunidade Surda, ou actualmente dito bilinguismo.

Se a questão da identidade é fundamental para a compreensão do Ser Humano, no caso da Pessoa

Surda a diferença - NÃO OUVIR - não pode ser o único traço capaz de identificá-la.

Significa dizer que não se pode considerar uma única Identidade Surda explicitada a partir desse traço padronizado e universal, mas sim formas plurais, dinâmicas, formadas e transformadas continuamente através das quais são representadas nos diferentes espaços sociais. Uma particularidade importante da Pessoa Surda é que, se refere a uma forma de ser e estar em relação ao mundo em que vive e actua e nos remete necessariamente tanto a problemas políticos como educativos.

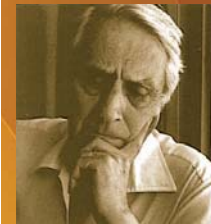
Contudo, a maneira como é considerada essa questão tem deixado de lados os conflitos as contradições e exploração em que as classes hegemónicas têm submetido as minorias. A identidade e a diferença devem ser vistas em relação a algo, não de forma absoluta. São diferenças políticas, não simplesmente diferenças linguísticas e formais mas diferenças a partir de relações de poder estruturais e globais que não devem ser minimizadas. (McLaren, 1997)

A partir dessa óptica é importante lembrar que o Aluno Surdo ao defrontar-se com o Mundo da Escola é submetido aos mecanismos postos por relações estabelecidas pelo ouvinte, que engendra condições perversas, na medida em que nega a condição do SER SURDO, e não atende às suas necessidades mais elementares, cerceando-lhes as oportunidades para o desenvolvimento e o fortalecimento de sua identidade pessoal.

Poderemos dizer tudo isso nos traz como questão fundamental a possibilidade do exercício da alternância. Trata-se da alternância não só no sentido que comumente vem sendo dado de poder provocar alterações, mas construir relações com o outro. Alternância supõe o convívio da diferença. Nesse convívio as Pessoas Surdas autoproduzem significados que lhes possibilitam consciencializarem-se de que são diferentes. Essa diferença, contraditoriamente, só pode ser afirmada e vivida como tal, ao supor uma igualdade e uma reciprocidade. Para tanto, o importante é preservar o direito da Criança Surda de se desenvolver, através de sua inserção em experiências condizentes com a heterogeneidade dos Processos Humanos. (Vygotsky, 1995)

Conclusão

É imprescindível que TODOS se consciencializem que só a criação de condições reais que possibilitem UMA EDUCAÇÃO DE EXCELÊNCIA PARA AS PESSOAS SURDAS, possibilitará a estas AS BASES DE ACESSO À CULTURA NA SUA VERDADEIRA ACEPÇÃO, criando então condições para uma real integração na Sociedade. ■



DIZER NÃO

Diz NÃO à liberdade que te oferecem, se ela é só a liberdade dos que ta querem oferecer. Porque a liberdade que é tua não passa pelo decreto arbitrário dos outros.

Diz NÃO à ordem das ruas, se ela é só a ordem do terror. Porque ela tem de nascer de ti, da paz da tua consciência, e não há ordem mais perfeita do que a ordem dos cemitérios.

Diz NÃO à cultura com que queiram promover-te, se a cultura for apenas um prolongamento da polícia. Porque a cultura não tem que ver com a ordem policial mas com a inteira liberdade de ti, não é um modo de se descer mas de se subir, não é um luxo de «elitismo», mas um modo de seres humano em toda a tua plenitude.

Diz NÃO até ao pão com que pretendem alimentar-te, se tiveres de pagá-lo com a renúncia de ti mesmo. Porque não há uma só forma de to negarem negando-to, mas infligindo-te como preço a tua humilhação.

Diz NÃO à justiça com que queiram redimir-te, se ela é apenas um modo de se redimir o redentor. Porque ela não passa nunca por um código, antes de passar pela certeza do que tu sabes ser justo.

Diz NÃO à verdade que te pregam, se ela é a mentira com que te ilude o pregador. Porque a verdade tem a face do Sol e não há noite nenhuma que prevaleça enfim contra ela.

Diz NÃO à unidade que te impõem, se ela é apenas essa imposição. Porque a unidade é apenas a necessidade irremediável de nos reconhecermos irmãos.

Diz NÃO a todo o partido que te queiram pregar, se ele é apenas a promoção de uma ordem de rebanho. Porque sermos todos irmãos não é ordenando-nos em gado sob o comando de um pastor.

Diz NÃO ao ódio e à violência com que te queiram legitimar uma luta fratricida. Porque a justiça há-de nascer de uma consciência iluminada para a verdade e o amor, e o que se semeia no ódio é ódio até ao fim e só dá frutos de sangue.

Diz NÃO mesmo à igualdade, se ela é apenas um modo de te nivelarem pelo mais baixo e não pelo mais alto que existe também em ti. Porque ser igual na miséria e em toda a espécie de degradação não é ser promovido a homem mas despromovido a animal.

E é do NÃO ao que te limita e degrada que tu hás-de construir o SIM da tua dignidade.

Vergílio Ferreira, in 'Conta-Corrente 1'

LIDERANÇA ASSOCIATIVA

Armando Baltazar e Ângelo Costa
Associação de Surdos do Porto

LIDERANÇA É O PROCESSO DE CONDUZIR UM GRUPO DE PESSOAS, TRANSFORMANDO-O NUMA EQUIPA QUE GERA RESULTADOS. É A HABILIDADE DE MOTIVAR E INFLUENCIAR OS LIDERADOS, DE FORMA ÉTICA E POSITIVA, PARA QUE CONTRIBUAM VOLUNTARIAMENTE E COM ENTUSIASMO PARA ALCANÇAREM OS OBJECTIVOS DA EQUIPA E DA ORGANIZAÇÃO



Ângelo Costa e Armando Baltazar

Lidar com pessoas é o trabalho mais importante do líder de qualquer Associação. A liderança, pela sua complexidade e importância, pode ter muitas facetas diferentes e quando estamos a liderar uma equipa raramente temos a oportunidade de reflectir sobre o que devemos e não devemos fazer enquanto líderes. Resumimos neste artigo as principais ideias...

Tenha uma visão e transmita-a. Certifique-se de que comunica a sua visão para a Associação com clareza. Ninguém segue um líder que não consegue transmitir o que vai fazer, afim de a Associação obter sucesso. O futuro de todos, Associados, Técnicos, Funcionários, depende do sucesso da Associação. Certifique-se de que TODOS acreditam na Associação, naquilo que ela representa e nas actividades e serviços disponibilizados e certifique-

propostos, principalmente quando a maioria dos colaboradores participa a nível de voluntariado.

Não seja demasiado sério. Faça com que o ambiente de trabalho seja divertido de tempos a tempos. Apesar de o profissionalismo e a seriedade serem importantes, nada sabe melhor do que os efeitos de um convívio ameno e descontraído de vez em quando.

Colabore com os funcionários e colaboradores. Certifique-se de que todos o vêem no local a trabalhar com eles. Ninguém gosta de trabalhar no duro para directores e líderes que não têm o mesmo empenho. Principalmente quando está a começar, sempre que possível, seja o primeiro a chegar e o último a sair.

Tenha uma porta sempre aberta. Quer tenha, ou não, um escritório próprio, tenha sempre

ou colaborador, pode ser complicado estabelecer uma relação a nível de liderança Associativa.

Por outro lado é importante que a LIDERANÇA siga e respeite as Lideranças anteriores, numa perspectiva histórica e de continuidade da Associação. Temos de nos interrogar, sempre, se não fosse a Actividade desenvolvida pelos antigos Líderes, alguns ainda vivos e que, solidariamente, continuam a dar tudo pela Associação, teríamos, nós actuais líderes, a possibilidade de liderar a mesma? A Associação ainda existiria? Quem construiu os seus alicerces? Quem a fez crescer e amadurecer?

Jamais poderemos renegar o passado da Associação. Teremos de olhar para o Futuro mas sempre seguindo o sonho, os ideais, daqueles que construíram o que actualmente lideramos.

Tem sido assim há mais de 75 anos, tanto na ASPorto



se ainda de que todos sabem que o esforço agora dispendido vai ser recompensado.

Mostre respeito. Trate as pessoas, incluindo os Associados, utentes, amigos da Associação, fornecedores, parceiros e empregados, com respeito, sempre.

Partilhe o seu sucesso. Certifique-se de que todos os que consigo colaboram partilham o sucesso da Associação. Conforme as possibilidades da mesma, ofereça benefícios adicionais, sempre que possível. À medida que as capacidades e competências dos colaboradores forem aumentando, recompense-os de forma adequada. Numa IPSS sem fins lucrativos é especial saber motivar as pessoas para uma colaboração capaz a fim de atingir os objectivos

uma "porta" aberta. Certifique-se de que os seus colaboradores sabem que o podem abordar em qualquer altura com qualquer problema que tenham de lidar.

"Ouça": Conseguiu estruturar uma equipa e está a coordenar a mesma. Tenha reuniões com a equipa pelo menos uma vez a cada duas semanas, se não conseguir maior frequência. Além disso, tenha algumas discussões informais com os seus colegas, técnicos e funcionários da Associação. Procure a opinião deles, discuta as actividades e a estratégia e, de vez em quando, se há alguma coisa em que pode ajudar e que os esteja a deixar frustrados.

Crie relações. Sem compreender um mínimo do que se está a passar na vida pessoal de um colega

como nas Associações que a precederam no Porto. Sempre foi, é, sempre será esta a forma de transmissão da Liderança na Associação de Surdos do Porto, com respeito pelos Líderes passados numa política de continuidade, na perspectiva de manter os valores, práticas e tradições da Comunidade Surda do Porto, tão ciente dos mesmos.

O RESPEITO PELOS ANTIGOS LÍDERES, PELAS SUAS QUALIDADES, TRABALHO, VALORES, SERÁ SEMPRE DAS PRINCIPAIS PRÁTICAS E POLÍTICAS DA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DO PORTO, como o comprova este texto escrito em parceria por dois Presidentes: o anterior e o actual. ■

PÁGINA DO INTÉRPRETE

VIVER A PROFISSÃO – ÉTICA E DEONTOLOGIA PROFISSIONAL NO DESEMPENHO DA PROFISSÃO DE INTÉRPRETE DE LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA (ILGP)

Maria José Freire Almeida

CODA¹, ILGP e docente na ESE de Setúbal no curso de Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa

Para que o trabalho de um intérprete de LGP seja eficaz deve-se ter em conta os aspectos técnicos e a correcção linguística, cultural e social das línguas em presença: a língua oral e a língua gestual e, nalguns casos, uma terceira língua em eventos internacionais. O/a ILGP deve dominar as línguas e culturas em presença e, para que isso aconteça, deve ter tido acesso a uma formação adequada e de elevado grau de exigência, bem como um contacto permanente com a comunidade surda de modo a conhecer e assimilar a riqueza expressiva da Língua Gestual Portuguesa, as suas subtilidades e nuances, o património cultural das pessoas surdas e, por outro lado, compreender os desafios, as barreiras e a luta pela igualdade de direitos e oportunidades dos Surdos portugueses e de todo o mundo.

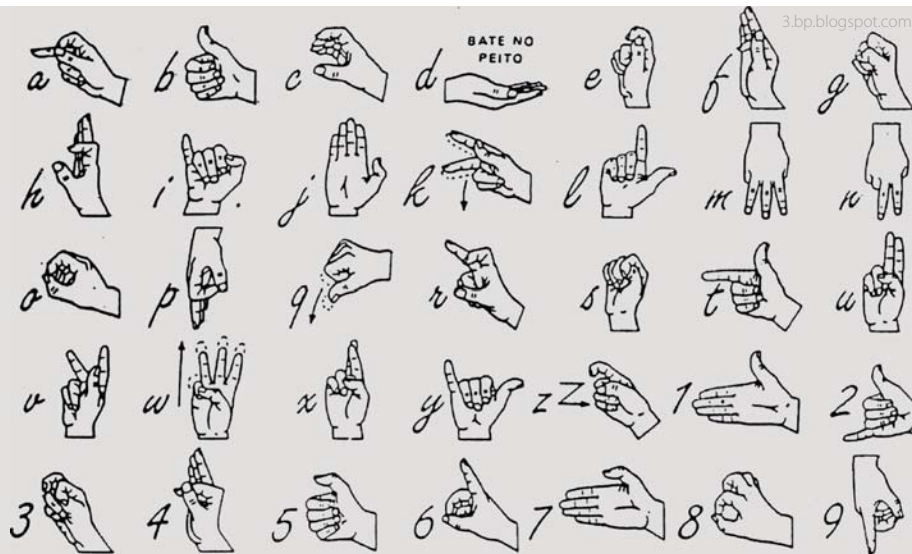
Durante muitos anos, a interpretação e tradução para as pessoas surdas em Portugal foi assegurada por pessoas que conheciam a Língua Gestual Portuguesa: filhos de pais surdos, outros familiares, amigos e colegas, mas apenas em situações pontuais e sem um carácter profissional. A formação profissional de intérpretes de Língua Gestual Portuguesa teve início no final da década de oitenta e a formação académica em 1997.

No início da década de noventa, um grupo de intérpretes de LGP (na sua maioria CODAS) sentiram necessidade de se organizar associativamente para que a profissão de ILGP ganhasse maior dignidade e reconhecimento, tanto por parte das entidades oficiais como da comunidade surda portuguesa e da sociedade em geral. Nesta Associação², um dos

desta actividade. Surgiu na sequência da luta pelo reconhecimento da Língua Gestual Portuguesa, levada a cabo pela comunidade surda portuguesa e que culminou no Reconhecimento Oficial da Língua Gestual Portuguesa, aquando da quarta revisão constitucional, Lei 1/97 de 22 de Setembro, artigo 74, nº 2, alínea h):

“Proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades”

A Lei 89/99 inclui, no seu articulado, referência às questões éticas e deontológicas, algo resumidas, mas que se ligam aos aspectos mais relevantes constantes do Código de Ética e Linhas de Conduta elaborado pelos ILGP portugueses em



No entanto, para que o desempenho de um/a ILGP seja completo, deve considerar, além dos aspectos técnicos e das diferentes estratégias de interpretação e tradução, uma atitude e um comportamento pautados pelas regras éticas e de deontologia profissional adequadas a esta profissão. O trabalho de tradução e interpretação em Língua Gestual Portuguesa é muitas vezes comparado com a imagem de uma ponte: o/a ILGP constitui um elo de ligação entre duas línguas e duas culturas com o intuito de facilitar a comunicação entre ambas. Como tal, deve obedecer a um determinado número de regras de modo a não constituir, inadvertidamente ou intencionalmente, um entrave nessa comunicação em vez de a facilitar.

primeiros objectivos foi a criação de um Código de Ética e Linhas de Conduta que orientasse os ILGP em termos da sua postura ética e profissional. Este Código foi desenvolvido com base em diversos códigos de ética e deontológicos de intérpretes de língua gestual da Europa e dos Estados Unidos da América. Não sendo um código oficialmente reconhecido, foi tacitamente aceite e posto em prática ao longo dos anos.

A Lei 89/99 de 5 de Julho³, aprovada pela Assembleia da República, veio finalmente preencher uma lacuna legislativa no âmbito da profissão de ILGP. Necessitando ainda de regulamentação mais aprofundada, constituiu, no entanto, um passo importante no reconhecimento

1991. No seu artigo nº 6 “Deveres do intérprete de língua gestual”, esta lei define as regras que os ILGP são obrigados a respeitar e a cumprir: guardar sigilo; interpretar fielmente a mensagem; utilizar uma linguagem compreensível; não influenciar ou orientar; não tirar vantagem pessoal.

Farei de seguida uma breve análise de cada uma destas regras e da importância de que se reveste o seu cumprimento por parte dos ILGP, de modo a garantir um trabalho digno, isento e de utilidade para todos os intervenientes no contexto de interpretação e tradução.

“Guardar sigilo de tudo o que interpretam”
É um direito das pessoas surdas e também

das pessoas ouvintes envolvidas e um dever fundamental dos intérpretes de língua gestual. Tudo o que se passa durante um serviço de interpretação deve ser mantido confidencial, não só pelo respeito devido a todos os intervenientes, mas também no sentido de não criar problemas ou constrangimentos. O/a ILGP deve ter o cuidado de não comentar, nem sequer em parte, o que foi dito e interpretado. Qualquer quebra de confidencialidade, além de não ser ético nem profissional, pode prejudicar algum dos intervenientes e acaba por pôr em causa o próprio intérprete, que perde a confiança daqueles que recorrem aos seus serviços e prejudica a imagem de toda a sua classe profissional.

“Realizar uma interpretação fiel, respeitando o conteúdo e o espírito da mensagem do emissor”

Realizar uma interpretação e tradução fiel implica não omitir nem acrescentar informação à mensagem de origem, mas significa também que todos os elementos presentes na mensagem devem ser interpretados. As palavras e os gestos são passíveis de diferentes interpretações consoante o contexto, a entoação (na língua oral) e a expressão (na língua gestual) que podem alterar o sentido dessas mesmas palavras ou gestos. O que importa interpretar e traduzir é o significado das expressões

O/a ILGP deve estar preparado para se adaptar aos diferentes registos de linguagem utilizados pelos intervenientes surdos ou ouvintes durante a sua interpretação, bem como se deve saber adaptar aos diferentes contextos de interpretação e tradução (sala de aula, consulta médica, tribunal, conferência, entre outros). Por outro lado, após os momentos iniciais de contacto com os intervenientes, durante os quais se vai apercebendo dos seus meios de comunicação preferenciais, deve-se adaptar a esse tipo de comunicação. Por exemplo, pode necessitar de recorrer a métodos especiais de tradução, como: labialização da mensagem para surdos oralistas, ou língua gestual táctil para surdocegos, entre outros. **“Não influenciar ou orientar nenhuma das partes interlocutoras”**

Durante o seu desempenho profissional o/a ILGP deve manter uma postura de imparcialidade, não devendo procurar influenciar ou orientar o decurso dos acontecimentos de acordo com a sua opinião pessoal. Não deve, por isso, manifestar-se intencionalmente sobre os assuntos, mesmo que alguma das partes, surdos ou ouvintes, lho solicitem, nem deve deixar transparecer na sua postura e expressão facial ou corporal algum indício da sua própria opinião pessoal. Sendo, eventualmente, pressionado para dar uma opinião

O Código de Ética e Linhas de Conduta do ILGP carece de legislação mais aprofundada, conforme a própria lei 89/99 indica: após auscultação das associações representativas da comunidade surda e dos intérpretes de língua gestual. Existem, ainda, outros aspectos importantes a considerar, como: pontualidade, autodisciplina, actualização e carreira profissional. É necessário que tanto os intérpretes de língua gestual como os representantes da comunidade surda se manifestem no sentido de se dar continuidade à legislação em falta.

Gostaria de terminar dizendo que, sendo a competência técnica e a observância das regras éticas e deontológicas extremamente importantes no trabalho do/a ILGP, quem desempenha esta profissão deve sobretudo gostar muito daquilo que faz, da língua gestual, do relacionamento com as pessoas surdas e de toda a riqueza humana e intelectual que este trabalho implica. O desafio é cativante e o resultado mais eficaz. ■

ecusa.anglican.org



utilizadas, no contexto em que são utilizadas, e não o seu sentido literal, sob pena de se realizar um fraco trabalho que não corresponde ao espírito e mensagem do emissor. Por exemplo, uma frase dita com uma entoação irónica altera o significado das palavras, ao passar esta mensagem para língua gestual, o/a ILGP deve recorrer à expressão facial adequada para transmitir a mesma ideia. O mesmo deve acontecer a partir da língua gestual para a língua oral: o/a ILGP deve procurar imprimir na sua voz a entoação adequada ao espírito do emissor.

“Utilizar uma linguagem compreensível para os destinatários da interpretação”

Podemos estabelecer uma correlação com o Princípio da Adaptabilidade referido no Código de Ética e Linhas de Conduta elaborado em 1991.

pessoal deve recusar, explicando que isso entraria em conflito com as regras éticas e deontológicas da sua profissão.

“Não tirar vantagem pessoal de qualquer informação conhecida durante o seu trabalho”

A formulação desta última regra, constante do artigo 6º da Lei 89/99 de 5 de Julho, não é suficientemente clara. Naturalmente que se se tratar de informação do conhecimento público o/a ILGP poderá utilizar essa informação como entender. Não é, no entanto, difícil perceber que o que se pretende dizer, apesar de não estar explícito, é que o/a ILGP não deve aproveitar para seu benefício próprio qualquer informação de carácter sigiloso a que tenha acesso no decorrer do seu trabalho de interpretação e tradução.

¹ CODA – Sigla que significa “Filhos de Pais Surdos” (do inglês: Children of Deaf Adults)

² AILGP – Associação de Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, fundada em 22 Janeiro de 1991. Actualmente sem actividade, mas teve um papel de relevo na defesa dos interesses da profissão e participou activamente, nos anos 90, na luta pelo reconhecimento da Língua Gestual Portuguesa.

³ Lei/89/99 de 5 de Julho “Define as condições de acesso e exercício da profissão de Intérprete de Língua Gestual.”

LEGISLAÇÃO

LEGISLAÇÃO

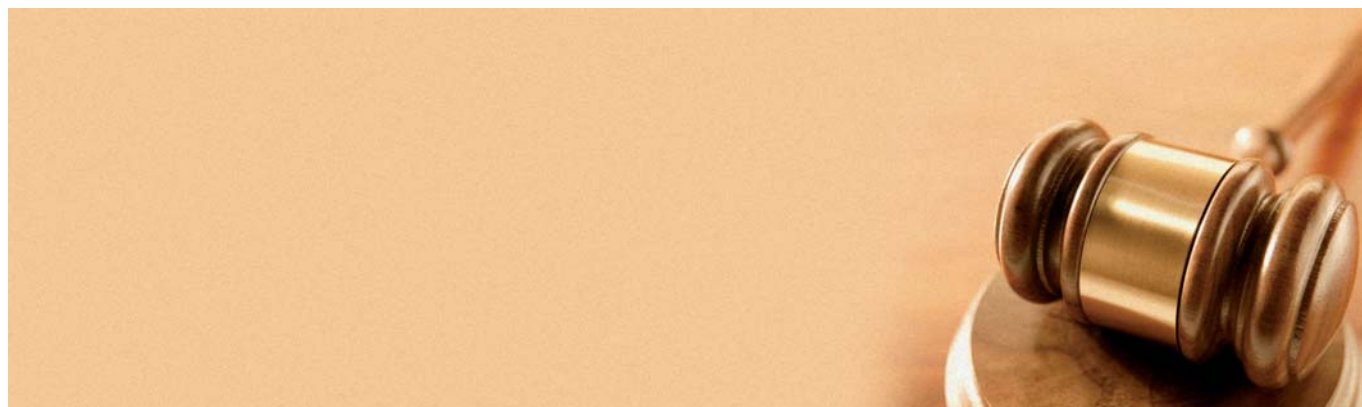
MAIS RELEVANTE PUBLICADA ENTRE 1 DE JANEIRO E 22 DE FEVEREIRO DE 2010

Instituto Nacional para a Reabilitação I.P.

O INSTITUTO NACIONAL PARA A REABILITAÇÃO, I.P., É UM INSTITUTO PÚBLICO INTEGRADO NO MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE SOCIAL, ACTUALMENTE TUTELADO PELA SECRETÁRIA DE ESTADO ADJUNTA E DA REABILITAÇÃO E DOTADO DE AUTONOMIA ADMINISTRATIVA E PATRIMÓNIO PRÓPRIO. ESTE ORGANISMO TEM-SE DEDICADO A ASSEGURAR O PLANEAMENTO, EXECUÇÃO E COORDENAÇÃO DAS POLÍTICAS NACIONAIS DESTINADAS A PROMOVER OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.

NESTA PERSPECTIVA, O INR, I.P., TEM SIDO UMA DAS PRINCIPAIS ENTIDADES PARCEIRAS DA FPAS NOS PROJECTOS E INICIATIVAS QUE PROCURAMOS DESENVOLVER, SENDO ESTE UM PROCESSO DE ESTREITA COLABORAÇÃO.

COM ESTA RUBRICA NO ÂMBITO DA LEGISLAÇÃO, PRETENDE-SE CRIAR UMA CONSCIÊNCIA NA COMUNIDADE SURDA DE TODOS OS DIREITOS QUE LHE ASSISTEM.



Portaria n.º 16/2010.DR 5 SÉRIE I de 2010-01-08
(*Ministérios da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento e da Saúde*) Quarta alteração à Portaria n.º 1016-A/2008, de 8 de Setembro, que reduz os preços máximos de venda ao público dos medicamentos genéricos

Despacho n.º 752/2010.DR 7 SÉRIE II de 2010-01-12
(*Ministério da Saúde - Gabinete do Secretário de Estado Adjunto e da Saúde*) Aprova o Programa Nacional de Diagnóstico Precoce

Lei n.º 1/2010.DR 10 SÉRIE I de 2010-01-15
(*Assembleia da República*)
Procede à primeira alteração à Lei n.º 29/2009, de 29 de Junho, que «Aprova o Regime Jurídico do Processo de Inventário e altera o Código Civil, o Código de Processo Civil, o Código do Registo Predial e o Código do Registo Civil, no cumprimento das medidas de descongestionamento dos tribunais previstas na Resolução do Conselho de Ministros n.º 172/2007, de 6 de Novembro, o Regime do Registo Nacional de Pessoas Colectivas, procede à transposição da Directiva n.º 2008/52/CE, do Parlamento e do Conselho, de 21 de Março, e altera o Decreto-Lei n.º 594/74, de 7 de Novembro», estabelecendo um novo prazo para a sua entrada em vigor

Decreto-Lei n.º 5/2010.DR 10 SÉRIE I de 2010-01-15
(*Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social*)

Actualiza o valor da retribuição mínima mensal garantida para 2010

Decreto-Lei n.º 6/2010.DR 10 SÉRIE I de 2010-01-15
(*Ministério da Saúde*) Prorroga a majoração de 20 % estabelecida no n.º 2 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 270/2002, de 2 de Dezembro, para o preço de referência dos medicamentos adquiridos pelos utentes do regime especial até à data de entrada em vigor do novo regime jurídico que revê o sistema de preços de referência

Portaria n.º 99/2010.DR 31 SÉRIE I de 2010-02-15
(*Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social*)
Estabelece uma medida excepcional de apoio ao emprego para o ano de 2010 que se traduz na redução de um ponto percentual da taxa contributiva a cargo da entidade empregadora

Despacho n.º 2937/2010.DR 31 SÉRIE II de 2010-02-15 (*Ministério da Saúde - Gabinete do Secretário de Estado da Saúde*) Determina a alteração ao anexo do despacho n.º 4250/2007, de 29 de Janeiro, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 47, de 7 de Março de 2007 - medicamentos prescritos a doentes com doença de Alzheimer

Despacho n.º 2938/2010.DR 31 SÉRIE II de 2010-02-15 (*Ministério da Saúde - Gabinete do Secretário de Estado da Saúde*) - Alteração ao anexo do despacho n.º 20 510/2008, de 24 de

Julho, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 150, de 5 de Agosto de 2008 - medicamentos destinados ao tratamento da artrite reumatóide, espondilite anquilosante, artrite psoriática, artrite idiopática juvenil poliarticular e psoríase em placas

Contrato n.º 99/2010.DR 32 SÉRIE II de 2010-02-16
(*Presidência do Conselho de Ministros e Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social*) - Contrato-programa de desenvolvimento desportivo n.º 433/2009 - Programa de Preparação Paralímpica Londres 2012

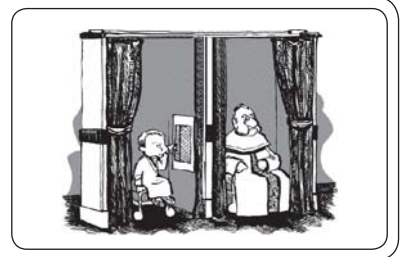
Portaria n.º 107/2010.DR 36 SÉRIE I de 2010-02-22
(*Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social e da Cultura*) - Aprova o Regulamento Arquivístico da Secretaria-Geral do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e revoga a Portaria n.º 763/2003, de 9 de Agosto

Decreto Legislativo Regional n.º 4/2010/A.DR 36 SÉRIE I de 2010-02-22 (*Região Autónoma das Açores - Assembleia Legislativa*) Cria um regime de concessão de bolsa de formação e de incentivos à fixação na Região de pessoal docente e não docente com formação em necessidades educativas especiais ■

Hélder Chavinha

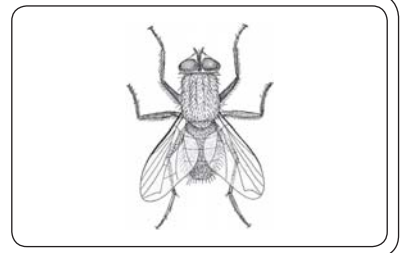
A Confissão

Um Surdo tinha um enorme pecado para confessar, mas não sabia como fazer, uma vez que o padre era ouvinte.
Bom, decidiu levar um intérprete consigo para a confissão.
O Surdo estava com vergonha do pecado cometido, mas lá confessa que esteve envolvido amorosamente com uma freira e o intérprete diz isso mesmo, nisto e ao ouvir tamanho pecado, o padre puxa a mão atrás e dá uma valente bofetada ao intérprete!!!



A Mosca

Estava o padre a celebrar uma missa, quando é chegado o momento de levantar o cálice para tomar o vinho. Ao levantar o cálice vê que está uma mosca dentro do cálice, baixa o cálice para confirmar e lá estava a mosca...
Pensou: "Vou oferecer o cálice aos acólitos pode ser que eles queiram o vinho," e foi o que fez. Ofereceu a um e ao outro, mas nenhum acólito quis beber o vinho.
Nisto e com uma enorme coragem, o padre leva o cálice à boca e bebe tudo até ao fim, até a mosca!!



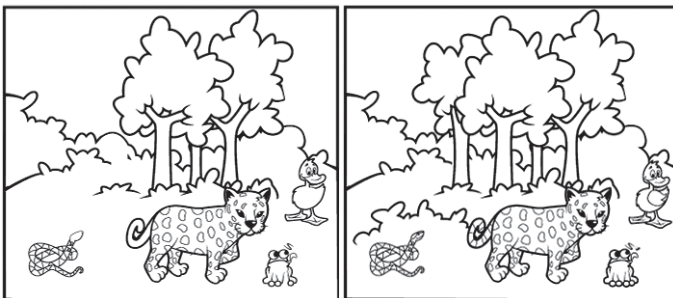
- 1 Qual é coisa, qual é ela, que atravessa todas as portas sem nunca entrar nem por elas sair?
- 2 O que será, que será, que mesmo sendo nosso, é mais usado pelos outros?
- 3 Casar com três mulheres é poligamia. Casar com duas mulheres é bigamia. E casar com uma mulher, o que é?
- 4 O que será, que será, que cresce na cabeça, e quanto maior é, menos cabelos tem?
- 5 Quais serão, quais serão, os relógios que dão a hora exacta apenas duas vezes por dia?
- 6 Porque que é que o Alentejano à segunda-feira sai de casa pela janela?
- 7 Uma pereira tinha peras. Foram lá acima e nem comeram peras, nem trouxeram peras, nem deixaram peras... como foi?
- 8 Sabem o que é branco, preto, branco, preto, branco, branco, preto, branco, preto, preto, branco, vermelho, branco, preto, preto, vermelho, branco, preto, preto, vermelho, vermelho, vermelho, vermelho, vermelho, vermelho, vermelho, vermelho, vermelho, vermelho?

Palíndromos

Palíndromos podem ser palavras ou números que são iguais quando lidos de frente para trás e de trás para frente. Alguns exercícios de análise combinatória envolvem palíndromos. Aqui, só por curiosidade, mostramos alguns palíndromos:

ALÔ BOLA - AME O POEMA - AMOR A ROMA - ANA - ANOTARAM A DATA DA MARATONA - ANOTARAM A MARATONA - APÓS A SOPA ASSIM A AIA IA A MISSA - ATÉ O POETA - AULA É A LUA - A BABÁ BABA - A DIVA EM ARGEL ALEGRA-ME A VIDA - A DROGA DA GORDA A MALA NADA NA LAMA - A TORRE DA DERROTA - EVA ASSE ESSA AVE - LUZ AZUL - LUZA ROCELINA, A NAMORADA DO MANUEL, LEU NA MODA DA ROMANA: ANIL É COR AZUL - O ROMANO ACATA AMORES A DAMAS AMADAS E ROMA ATACA O NAMORO

Descubra as 7 diferenças

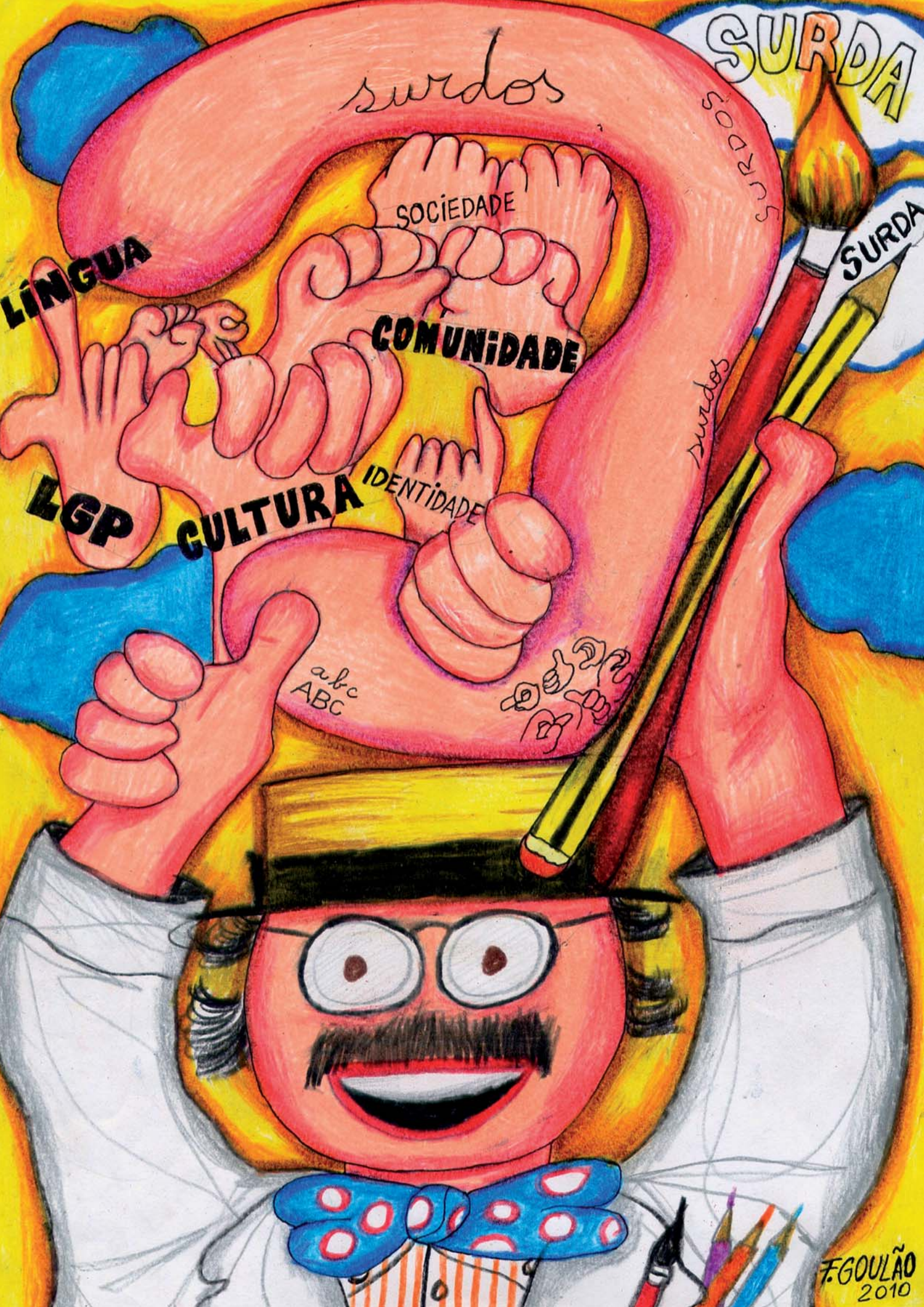


1 - MOSCA AO LADO DO SARGO; 2 - LISTRAS DO BARRO DA ONÇA; 3 - MOITA ACIMA DA COBRA; 4 - BICO DO SARGO; 5 - OLHOS E BOCA DA COBRA.

Ajude o Pastor a encontrar o seu rebanho



Soluções das adivinhas: 1 - A fechadura; 2 - O nome; 3 - Monotonia; 4 - A Careca; 5 - Os relógios que estão parados; 6 - Porque tem à porta uma semana de trabalho; 7 - A pereira tinha duas pêras (comeram uma e deixaram outra!); 8 - Uma freira a rebolar pelas escadas



surdos

SURDA

LÍNGUA

SOCIEDADE

COMUNIDADE

LGP

CULTURA

IDENTIDADE

abc
ABC

Hand-drawn symbols and characters

Surdos

SURDA

F. GOULÃO
2010